



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Luiziane da Silva Rosa

**UM ESTUDO SOBRE O EDUBLOG E O ENSINO DE LÍNGUA
ESTRANGEIRA ESPANHOL**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Dulce Márcia Cruz

Florianópolis – 2011

Catálogo na fonte por José Paulo Speck Pereira CRB-14/1270

R788e Rosa, Luiziane da Silva

Um estudo sobre o edublog e o ensino de língua estrangeira espanhol / Luiziane da Silva Rosa; orientadora Dulce Márcia Cruz. – 2011.

164 p.

Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2011.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**“UM ESTUDO SOBRE O EDUBLOG E O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA
ESPANHOL”**

Dissertação submetida ao Colegiado do Curso
de Mestrado em Educação do Centro de
Ciências da Educação em cumprimento parcial
para a obtenção do título de Mestre em
Educação

APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA em 27/04/2011

Dra. Dulce Márcia Cruz (CED/UFSC-Orientadora)

Dra. Rosely Perez Xavier (PGL/UFSC-Examinadora)

Dra. Daniela Karine Ramos (CED/UFSC-Examinadora)

Dra. Andrea Cesco (CCE/UFSC-Suplente)

Profa. Célia Regina Vendramini
Coordenadora do Programa de
Pós-Graduação em Educação/CED/UFSC
Portaria nº 963/GR/2010

LUIZIANE DA SILVA ROSA

FLORIANÓPOLIS/SANTA CATARINA/ABRIL/2011

Dedico este trabalho aos meus
pais e ao meu companheiro.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por todas as oportunidades a mim dadas;

À minha orientadora, professora Dulce Márcia Cruz, pela amizade, por mostrar-me os caminhos acadêmicos e por mapear o saber e o sabor em pesquisa na educação;

À banca examinadora, por contribuir igualmente com esta pesquisa;

Aos meus pais, Elenice Aparecida Silva e Luiz Geraldo da Silva, por sempre acreditarem no meu potencial e por entenderem meus momentos de ausência;

Ao Vladimir Rosa, por seu companheirismo e amor, por não deixar a peteca cair, fazendo-me dar a volta por cima com palavras de alento e conforto. Por seu cantar inesperado, com letras de samba, que me faziam viajar e sair um pouquinho da pesquisa;

Aos colegas de mestrado que me ajudaram nessa empreitada não só no nosso mundinho acadêmico, mas também em nossas aventuras pessoais.

Aos colegas de profissão e de graduação pelas palavras inspiradoras;

Aos meus alunos e ex-alunos, da EaD, da EJA, do ensino regular fundamental e médio, do extracurricular UFSC; pelas inspirações e trocas;

Às secretárias do PPGE, Bethânia e Sônia, que sempre me perguntavam o andamento da pesquisa e que sempre buscavam resolver os problemas administrativos desta jornada;

Aos autores referenciados nesta dissertação que acreditaram em discutir os temas, publicaram em diversos veículos comunicacionais e ajudaram assim a minha reflexão;

Aos professores blogueiros e aos aprendentes blogueiros que fazem da internet um lugar de autoria, de leitura crítica e de produção para as futuras gerações;

E a todos os familiares e amigos que, de uma forma ou de outra, participaram, incentivaram, torceram e acreditaram em mim,

Obrigada!!!

“Si yo blogo, tú blogas, nosotros
blogamos y ellos también...el mundo
acabará blogado”

Por Luiziane, em um dia qualquer,
blogando enquanto pesquisava, 2010.

RESUMO

Este trabalho parte da premissa de que no século XXI o ensino de língua estrangeira e o Blog educacional (*Edublog*) vêm se unindo e possibilitando um espaço para que a comunidade escolar e todos os usuários do *ciberespaço* aprendam um idioma na *edublogosfera*. A presente pesquisa é orientada por autores que dialogam sobre cibercultura, mídia-educação e ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. De cunho qualitativo, apresenta um estudo sobre os indícios de como se constitui o blog educacional de língua estrangeira tendo como foco o ensino do Espanhol. O objetivo da investigação foi identificar como se caracterizavam os *Edublogs* de Espanhol como língua estrangeira (*Edublog de E.L.E*) enquanto recurso e enquanto estratégia pedagógica na blogosfera educativa hispânica. Para tanto, identificaram-se os *Edublogs* de E.L.E por meio de uma pesquisa documental e foi analisado seu conteúdo para verificar como acontece a didática da língua nessa mídia. Como resultado, propôs-se alguns critérios que devem ser levados em consideração no momento de criar, manter, aprender e ensinar com e através de blogs para que estes consigam ser utilizados tanto quanto recurso quanto como estratégia pedagógica.

Palavras-chave: Blogs educacionais; Língua estrangeira; Cibercultura; mídia-educação.

RESUMEN

En este trabajo se presume que en el siglo XXI la enseñanza de lenguas extranjeras y el *Blog* Educativo (Edublog) se están uniendo y permitiendo un espacio para que la comunidad escolar y todos los usuarios del *ciberespacio* aprendan un idioma en la *edublogosfera*. Así, esta investigación es conducida por los autores que dialogan sobre *cibercultura*, educación para los medios y enseñanza-aprendizaje de lenguas extranjeras. De cuño cualitativo, esta investigación presenta un estudio sobre las indicaciones de cómo es un blog de lenguas extranjeras de educación que se centra en la enseñanza del español. El objetivo fue identificar cómo se caracterizan los *Edublogs* de español como lengua extranjera (Edublog de E.L.E) como recurso y como estrategia pedagógica en la *blogosfera* educativa hispana. Para eso, se identificó los *Edublogs* de E.L.E a través de la investigación documental y se analizó su contenido para verificar cómo es la didáctica de la lengua en este medio. Como resultados, se proponen algunos criterios que se debe considerar al crear, mantener, enseñar y aprender con y a través de estos *Blogs* para poder ser a la vez un recurso y una estrategia de enseñanza efectiva.

Palabras-clave: Blogs educativos; Lengua extranjera; *Cibercultura*; Educación para los medios.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.....	60
Figura 2.....	71
Figura 3.....	72
Figura 4.....	Erro! Indicador não definido.
Figura5.....	97
Figura 6.....	Erro! Indicador não definido.
Figura 8.....	Erro! Indicador não definido.
Figura 10.....	Erro! Indicador não definido.
Figura 11.....	Erro! Indicador não definido.
Figura 12.....	104
Figura 13.....	Erro! Indicador não definido.
Figura 14.....	Erro! Indicador não definido.
Figura 15.....	Erro! Indicador não definido.
Figura 16.....	Erro! Indicador não definido.
Figura 17.....	Erro! Indicador não definido.
Figura 18.....	Erro! Indicador não definido.
Figura 19.....	Erro! Indicador não definido.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1..... **Erro! Indicador não definido.**

Quadro 2.....67

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. **Erro! Indicador não definido.**

Tabela 2. **Erro! Indicador não definido.**

Tabela 3. **Erro! Indicador não definido.**

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BFI – British Film Institute

D.L – Didática da Língua

EaD – Educação a distância

E.L.E – Espanhol como língua estrangeira

HTML – HyperText Markup Language

L2 – segunda língua

L.A – Língua Aplicada

L.E – Língua estrangeira

TIC – Tecnologia da Informação e da Comunicação

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
MOTIVAÇÃO E JUSTIFICATIVA DO TRABALHO	15
1.1 QUESTÕES DE PESQUISA.....	24
1.2 OBJETIVOS DA PESQUISA.....	25
1.3 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	26
1.4 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....	28
2 COMUNICAÇÃO ↔ MÍDIA ↔ EDUCAÇÃO.....	29
2.1 ALGUMAS PALAVRAS SOBRE COMUNICAÇÃO, <i>CIBERCULTURA</i> E O CONCEITO DE MÍDIA.....	29
2.2 MAPEANDO AS MÍDIAS, SEU CONTEXTO E SUAS TIPOLOGIAS.....	33
2.3 A CONTRIBUIÇÃO DA MÍDIA-EDUCAÇÃO.....	40
2.4 AFINAL, O QUE É UM BLOG?.....	53
2.4.1 Características dos blogs	61
2.4.2 Categorizações e tipologias.....	63
2.5 BLOG EDUCATIVO, BLOG EDUCACIONAL, BLOG PEDAGÓGICO, EDUBLOG? POR UMA RELAÇÃO ENTRE BLOGS E EDUCAÇÃO	66
3 O ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E O CIBERESPAÇO HISPÂNICO	77
3.1 O CENÁRIO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA E DE ENSINO-APRENDIZAGEM	77
3.2 OS MEIOS DE ENSINO: RECURSOS E ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS.....	82
4 TRILHAS METODOLÓGICAS.....	Erro! Indicador não definido.
4.1 OPÇÃO METODOLÓGICA	Erro! Indicador não definido.

4.2 CONTEXTO DA PESQUISA

.....**Erro! Indicador não definido.**

4.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

.Erro! Indicador não definido.

4.4 BREVE DESCRIÇÃO DOS EDUBLOGS DE E.L.E

SELECIONADOS.....**Er**

ro! Indicador não definido.

5 ANÁLISE DE CONTEÚDO E INTERPRETAÇÃO.....118

5.1 A CONCEPÇÃO DE UM INSTRUMENTO DE ANÁLISE.....118

5.2 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....123

5.2.1 Aprendizagem.....124

5.2.3 Conteúdos.....126

5.2.4 Desenvolvimento Metodológico.....129

5.2.5 Atividades.....132

5.2.6 Avaliação.....133

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....139

REFERÊNCIAS.....142

1 INTRODUÇÃO

MOTIVAÇÃO E JUSTIFICATIVA DO TRABALHO

Justifica-se a presente pesquisa pela minha proximidade com o tema – que desde o início da graduação (março de 2003) já tinha intimidade com a internet e já usava os gêneros digitais para aprender os idiomas inglês e espanhol – sendo possível, então, conhecer meandros, possibilidades e lacunas que essa estratégia de aprendizado continha. Essa aproximação foi se estabelecendo ao longo de minha formação acadêmica e prática pedagógica.

Em 2005, ainda na graduação, após observar aulas de espanhol no primeiro ano do ensino médio em uma escola estadual para a disciplina de Linguística Aplicada, presenciei o dilema da então professora ministrante que não tinha o apoio de seus alunos porque eles consideravam a sua aula tradicional se comparada às aulas de inglês. Em conversa informal com os estudantes e em entrevista com alguns deles, um dos motivos alegados por eles – entre vários – era a desatualização das aulas, no sentido de não contar com recursos tecnológicos de sua geração e com materiais autênticos¹. Nessas observações de aulas, percebi que, além da falta de estrutura da escola, outro possível fator podia ser a falta de preparo da professora em usar as mídias dentro de sala de aula e o não incentivo das mídias em períodos extraclasse. Essa observação de aulas foi essencial para conhecer uma realidade, entre

¹ Na época da observação dessas aulas (oito dias de observação ao total) notou-se que a implementação de recursos informatizados dentro das salas de aulas ou dentro de espaços próprios era muito recente. Poucas escolas estaduais contavam com esse tipo de estrutura. Por isso, os recursos de mídia a que os alunos se referiam era o videocassete, o DVD, o CD-ROM, os tocadores de música mp3 e os celulares com música. Em se tratando de estratégias ou atividades com materiais autênticos a serem trabalhados, os alunos se referiam a atividades com músicas atuais durante a aula e mais condizente com a idade deles, textos não técnicos, textos mais próximos a questões do trabalho e da cidade de Florianópolis e curiosidades culturais. Por material autêntico “entende-se todo aquele material não que não foi adaptado, simplificado ou criado para ser ministrado a alunos de língua” (CARVALHO, 1993, p. 118)

tantas outras presentes nas escolas brasileiras, e para eu repensar a prática docente enquanto uma futura profissional de língua estrangeira em uma realidade cada vez mais imersa nas tecnologias digitais, principalmente nas tecnologias envolvendo as mídias de internet².

Para enriquecer a reflexão sobre minha prática docente, que faria parte desse novo contexto, já em 2006, fiz o estágio supervisionado no Colégio de Aplicação da UFSC. Ali, vi-me na situação em que se podia utilizar múltiplos recursos midiáticos – impressos e virtuais – para alunos do ensino fundamental. Podia investigar as abordagens de ensino e as tendências em pesquisas científicas e aplicá-los em sala de aula. Podia também questionar com meus colegas a aplicação de conteúdos com esses recursos ao mesmo tempo em que compartilhava opiniões no meio virtual com colegas do mundo inteiro. Por conta de a experiência que tive no Colégio de Aplicação ser um tanto diferenciada da experiência da professora da escola estadual, eu me questionava até que ponto era válido oferecer recursos tecnológicos mais avançados se não era um trabalho mútuo, contínuo em sala de aula e fora dela. De que adiantavam todas as dicas, sugestões, atividades, enfim, uma série de outros recursos para o professor se parecia que em sala de aula seguiam as mesmas práticas. Por que as mídias de internet e o ensino com seu uso pareciam ser mais atrativos fora da sala de aula. E o questionamento que mais perdurava: será que conhecemos a mídia suficientemente para poder usá-la pedagogicamente?

A partir desse último questionamentos encontrei outros tantos no *ciberespaço*³, onde professores e alunos do mundo inteiro

² Mesmo corroborando com a ideia ampla de que a internet é uma mídia, chamarei neste trabalho de mídias de internet os meios comunicacionais presentes nela como as redes sociais, de relacionamento, a escrita coletiva, os comunicadores instantâneos etc.

³ Pierre Lévy (1999, p. 92) define o ciberespaço “como o espaço de comunicação dentro da interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”. Embora nessa definição o autor inclua o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos clássicos e já conhecidos como a televisão e o rádio, ele insiste na codificação digital. “Esse novo meio tem a vocação de colocar em sinergia e interfacear todos os dispositivos de criação de informação, de gravação, de comunicação e de simulação” (LÉVY, 1999, p. 93). Outros autores também enfatizam a virtualização de um novo espaço para as relações sociais: “O ciberespaço é a uma dimensão da sociedade em rede, onde os fluxos definem formas de relações sociais, como afirma Castells (1999:490), ‘é o espaço material que organiza o tempo, estruturando a

compartilhavam, contribuíam e produziam diferentes manifestações sobre o que caracterizava cada mídia, como ensinar e aprender língua estrangeira fazendo uso de recursos midiáticos ou sinalizando as angústias que o novo contexto trazia para práticas já conhecidas de ensinar e aprender. Assim pude observar, através de leituras e pesquisas pessoais, que os meandros e as lacunas das situações de ensino-aprendizagem por meio das mídias, e principalmente da internet, estavam sendo discutidos pela pedagogia: como ensinar, o que ensinar, de que forma se aprende, o que atrai os alunos, como se constituíram esses recursos para o contexto pedagógico, etc. Dessa forma, tais reflexões me amadureceram no sentido de perceber que o meu entorno – o da *cibercultura*⁴ – estava diretamente ligado às minhas futuras práticas e que, como professora, era importante conhecer a mídia como um instrumento integrador e aliado do professor.

Além de utilizar as mídias de internet para preparar aulas, comecei a incentivar os alunos e colegas professores a usar fora da sala de aula. Compartilhava e contribuía com *sites*. Procurava fazer com que as sugestões não ficassem somente no plano de propostas, mas sim de se trabalhar efetivamente em algumas atividades e pesquisa. Procurava fazer a reflexão crítica em torno da mídia e conhecer seu formato, sua natureza e as abordagens subjacentes a ela. Dessa forma, procurava

temporalidade em lógicas diferentes e até contraditórias de acordo com a dinâmica socioespacial”. (LEMOS, 2004, p. 32). Com isso, as mídias digitais possibilitam novas formas de comunicação e troca de informações. É também conhecido como *Cyberespaço*.

⁴ Por *Cibercultura*, podemos entender como a relação entre cultura e a tecnologia de informação e comunicação (TIC), onde o comportamento, os valores, as atitudes, os hábitos, a apropriação de conhecimento tem relação direta com a tecnologia. Assim, o uso de celulares, terminais bancários, internet, fibra ótica, sinal digital ou qualquer uso paralelo de um objeto ou instrumento de tecnologia “já faz parte do cotidiano e das práticas sociais da maioria da população [...]. Esses usos permitem aos sujeitos a incorporação, a criação e a modificação de práticas sociais, econômicas, culturais, educacionais, não previstas. E mais, à medida que a maioria dos sujeitos de uma sociedade se apropria das tecnologias digitais elabora novos e inesperados usos destes instrumentos. Os ‘enriquece’. Ao mesmo tempo em que os instrumentos tecnológicos passam a ser incorporados às práticas sociais, esses usos modificam os próprios sujeitos, pois os usuários das tecnologias digitais no seu uso, ressignificam, adaptam os esquemas mentais de uso de um instrumento a outro e desenvolvem novos esquemas mentais”. (BORGES, 2007). De certa forma, trataremos desse assunto ao longo da dissertação.

também focar tanto nas vantagens quanto nas desvantagens que o uso da mídia pode trazer.

Há que se convir que estudar e confrontar antigas e novas práticas com antigas e novas tecnologias é desafiador, pois o novo exige mudanças ou ressignificação. Castanho (2000 *apud* Cruz, 2001) aponta que:

Inovar consiste em proporcionar novas soluções para velhos problemas, mediante estratégias de transformação ou de renovação, expressamente planejadas. Inovar consiste em introduzir novos modos de atuar em face de práticas pedagógicas que aparecem como inadequadas ou ineficazes. (CASTANHO, 2000, p.76)

Ainda na condição de professora estagiária, muitas ideias surgiram ao preparar as aulas para alunos da quinta série. Algumas dessas ideias foram extraídas de um portal para professores de Espanhol como Língua Estrangeira (doravante E.L.E) que direcionava a *sites* de educação. Navegando por esses *sites*, encontrei relatos de experiências de professores, materiais autênticos para aulas de E.L.E, músicas voltadas para o perfil dos alunos, literatura original e adaptada, cursos, cinema, artigos, recursos paradidáticos, enfim, um série de referências a recursos e estratégias para o ensino e a aprendizagem de um idioma, o que, de certa forma, os alunos do colégio estadual questionavam não haver na aula de espanhol. Muitos desses *sites* eram blogs, ferramenta de comunicação e colaboração que pode ser atualizada com conteúdos e outras linguagens por qualquer usuário. Tal ferramenta estava em ascensão e se constituindo na internet devido às suas características comunicacionais se ajustarem aos objetivos pedagógicos. Por isso, o blog passou a ser ora recurso pedagógico, ora estratégia pedagógica muito em voga na internet (GOMES, 2005; SAEZ VACA,

2005). O blog como recurso pedagógico pode ser entendido como um meio, um instrumento, um material usado para ensinar. O blog como estratégia pedagógica pode ser entendido como uma abordagem de linguagem, ou uma combinação de táticas, tomada de decisão, enfim, os planos de ação para se alcançar um objetivo.

Nesse viés, o blog – que antes era visto como um meio revolucionário de comunicação – passou a atender outras instâncias onde teve destaque e consolidação (HEWITT, 2006). Na educação, por exemplo, muitas experiências foram feitas com o blog como forma de validar a viabilidade de seu uso em espaços educativos. Porém, grande parte dessas experiências se dava com grupos focais e tinha a perspectiva de entender o blog como extensão da sala de aula, fato comprovado na revisão de literatura desta dissertação.

Por conta disso, as pesquisas científicas encontradas me fizeram perceber que o blog podia ser um tema relevante de pesquisa. A *memoria de Máster*,⁵ por exemplo, de Lola Torres Ríos (2006), foi decisiva para usar pedagogicamente o blog em minha prática docente. Mas como tema de pesquisa, a motivação maior proveio do artigo de Maria João Gomes (2005) da Universidade de Minho, Portugal, que sistematizou um conjunto de possíveis vertentes de exploração e práticas de blogs em contexto escolar. Como possibilidades de exploração dos blogs, a autora discute o blog como recurso pedagógico e como estratégia, no qual o presente trabalho se embasa. Posteriormente, deparei-me com a *Memoria de Máster* de Bibiana Jou (2010), cuja participação foi motivadora ao responder um questionário sobre o trabalho docente com blogs.

Assim, a partir da busca por melhorar a minha atuação docente e minha afeição repentina por blogs, eu pude me aproximar mais de uma mídia que até então, para mim, servia tão somente para a comunicação. Pude pensar no papel da escola frente às mídias, na questão da formação

⁵ *Memoria de Máster* é comumente usado na Espanha e em alguns países da América Latina para designar um trabalho acadêmico de base científica. Aqui podemos traduzir como Dissertação.

do educador para as mídias e no consumo e envolvimento de alunos de distintas gerações. Toda essa reflexão me motivou a buscar mais sobre as novas tecnologias de informação e comunicação (TIC) não somente para saber o seu uso real, a sua efetividade, mas também poder arguir com o propósito de um novo pensar educação na era digital. Afinal, gostaria de sair da graduação com esse novo olhar e propiciar a meus futuros alunos o momento da cibercultura também na ambiência educativa.

O entendimento prévio antes de graduada contribuiu para a minha trajetória docente, quando comecei a atuar como professora de espanhol em cursos de idioma e na educação jovens e adultos (EJA). Convivi, de certa maneira, com paradoxos parecidos aos encontrados no colégio estadual: de um lado alunos que eram igualmente íntimos de sistemas informatizados e, de outro, alunos que nunca foram incluídos digitalmente. Em paralelo, encontrei outros profissionais que partilhavam das mesmas inquietudes e, ao mesmo tempo, encontrei profissionais que não queriam saber das novas tecnologias. Nas escolas em que trabalhei e por meio dos alunos, encontrei outras possibilidades de se trabalhar com mídias, principalmente de internet destacando-se o blog.

Na EJA, encontrei outro motivo para pesquisar sobre blog analisando o que se faz com ele e através dele. Fiquei responsável por “alimentar” – assim como chamam os *blogueiros*⁶ o ato de atualizar o blog com textos, imagens e sons – o blog de dois núcleos de EJA⁷ de Florianópolis nos anos 2008 e 2009. Agora entendendo que havia me tornado uma *blogueira*, fazia comentários orais e escritos nos blogs que

⁶ Aquele que faz, escreve, mantém e lê blogs.

⁷ Os núcleos de EJA em Florianópolis são caracterizados por equipes de nove profissionais de diferentes áreas do conhecimento que atendem geralmente duas escolas em comunidades próximas. Nesse caso, apesar de que foram dois núcleos, eu era responsável por alimentar conteúdo referente a quatro escolas. Vale ressaltar que a EJA de Florianópolis trabalha com a pesquisa como princípio educativo. Por isso, os alunos da EJA devem ter contato com múltiplos instrumentos para a pesquisa, incluindo a internet. O acesso à internet na EJA é democrático, porém segue com os mesmos problemas de muitas salas informatizadas no Brasil: computadores com internet lenta, profissionais não habilitados, exclusão digital.

os núcleos mantinham. Com tais práticas, pude perceber que a minha iniciativa de integrar os alunos digitalmente estava sendo feita e, como educadora, estava desempenhando o papel de um mídia-educador, assunto a ser visto adiante. Isso quer dizer que trabalhei em projetos que inter-relacionavam a Educação com a Comunicação, promovendo a troca de informações em uma linguagem da internet com o propósito de ensinar.

Porém, meu papel não se restringia a manejar os recursos informatizados. Era meu dever mostrar e estimular outros professores a usar, criar e manter o blog para que também pudessem fazer o mesmo com os alunos. No entanto, contrastando com as pesquisas científicas com as quais tive contato, percebia os motivos pelos quais os professores não se sentiam à vontade ao criar, usar e manter um blog: o fato de não dominá-lo, de desconhecê-lo e de não dar-lhe credibilidade se comparado a outros meios de ensino. Os alunos, na maioria, também desconheciam o blog e o confundiam com um *site*. Esses alunos pesquisavam informações pertinentes, liam e apresentavam o resultado de suas leituras. Notava avanços significativos na sua aprendizagem, porém ela poderia ter sido maior se melhor orientada. Alguns alunos eram excluídos e imigrantes digitais⁸ e boa parte dos professores também o era não havendo então uma mediação “segura” que promovesse as competências necessárias. Novamente, associei essa situação com a situação vivida nas observações de aulas ainda na época da graduação.

A partir disso, o interesse por pesquisar blogs aumentava. Porém, não pretendia pesquisar a viabilidade do uso de blogs em determinados grupos, ou se realmente eles educam, pois parto do pressuposto de que eles educam. Por essa razão, o foco sempre foi

⁸ Imigrantes e nativos digitais são termos cunhados por Mark Prensky (2000) para designar as gerações que acompanham as tecnologias, principalmente a internet. Assim, para ele, os nascidos antes de 1980 são considerados imigrantes digitais, pois “atravessaram” a transição da internet e da tecnologia em geral. Os nativos, por sua vez, já nasceram rodeados por tecnologias, principalmente as relacionadas com a internet. A convivência entre essas duas gerações pode gerar conflitos, uma vez que para os nativos muitas das ações são consideradas corriqueiras e de fácil resolução. O imigrante digital terá mais dificuldade, já que ainda está aprendendo e tem como referência tecnologias anteriores e até obsoletas.

investigar os *Edeblogs* de L.E (blogs educacionais de língua estrangeira) existentes, saber como se definiam e como se constituíam. Mais do que encaixá-los em tipologias, sempre estive mais interessada na ferramenta em si, por acreditar que era possível haver processo de ensino-aprendizagem em blogs de L.E construídos por professores e que se encontram na blogosfera hispânica, à disposição para qualquer um usar e se apropriar.

Talvez sabendo como os *Edeblogs* são estruturados, como se organizam e até como são explorados eu conseguisse resolver parte das inquietações que tive na observação de aulas no colégio estadual em 2005 e muitas delas enfocam no professor como o orientador, o mediador que faz e da suporte para a cultura midiática.

Justifico também que o “mundo hispânico” é um dos mais dinâmicos ao explorar o blog no ensino de Língua Estrangeira. Nesse caso, associada essa dinamicidade à expansão da Língua Estrangeira Espanhol (E.L.E) no Brasil e no mundo se torna importante estudá-los nesse contexto. O espanhol está entre uma das línguas mais faladas no mundo tendo interesses econômicos, políticos, ecológicos, culturais e sociais em ascensão. A comunicação entre os quase vinte países que falam o espanhol como língua oficial e entre os interessados em falar esse idioma se faz cada vez mais presente através de meios comunicacionais como a internet. No entanto, pensando criticamente pelo lado do ensino de línguas, para haver produção e veiculação de informações entre os idiomas é necessária a mediação de um docente que possa lapidar essas informações e a participação de outras pessoas nesse processo.

Não somente no caso dos blogs, mas o ciberespaço tem tido participação efetiva dos hispânicos⁹. Portais jornalísticos como o *El*

⁹ Na pesquisa pela Analitics 2.0 sobre o uso da internet pelos hispânicos, verificou-se que a radiografia do Mercado Hispano de Redes Sociales não considerou o blog como rede social e incluiu o Brasil no seguimento latino. Há um crescimento considerável nos últimos cinco anos no Chile, Colômbia e México e uma mudança de comportamento também. As mulheres latinas, por exemplo, estão confiando mais em comentários de redes sociais do que em anúncio publicitários, segundo estudo de *marketing* pela revista *Sophia Mind*. Disponível em:

pais, La vanguardia, Clarín, La nación, El mercúrio, entre outros jornais de grande circulação do entorno hispânico, vêm demonstrando que não basta a veiculação da notícia, há que ter a participação efetiva das pessoas, principalmente daquelas que já não se veem passivas diante das informações recebidas, mas colaborando com elas. Se pensarmos então na grande circulação de informação, podemos pensar no tratamento dessas informações por parte do docente.

A participação dos hispânicos no mundo virtual é rica e intensa na medida em que as tecnologias digitais avançam. Listas de discussões, chats, Blogs, Comunicação via *I-pod*, entre tantos outros *softwares* sociais¹⁰ estão representados por hispânicos. Segundo Gina Amaro Rudan (s/d, [on-line](#), tradução nossa):

A mídia em língua espanhola está em ascensão. Globalmente, 2006 foi um ano explosivo para a imprensa, televisão, cabo, rádio e a Internet hispânicos. De acordo com a TNS Media Intelligence, a mídia em língua espanhola é um dos setores de crescimento mais rápido, com projeção de crescimento de 5,4% em 2007.

<<http://www.marketingdirecto.com/actualidad/social-media-marketing/hispanas-confian-mas-comentarios-red-que-anuncios/>>. Acesso em: 06 set. 2010. O que denota a participação ativa das usuárias. À guisa de ilustração, destaco o *MySpace* e o *Facebook* só aumentam no seguimento latino de redes sociais enquanto que o *Blogger* é um dos principais serviços de hospedagem de blog hispânicos. Disponível em: <http://www.analytics20.org/es/downloads/Whitepaper_III_espanol.pdf>. Acesso em: 06 set. 2010.

¹⁰ Segundo Suter; Alexander; Kaplan (2005), software social vem sendo definido como “uma ferramenta, (para aumentar habilidades sociais e colaborativas humanas), como um meio (para facilitar conexões sociais e o intercâmbio de informações) e como uma ecologia (permitindo um “sistema de pessoas, práticas, valores e tecnologias num ambiente particular local”.

Embora estejamos com dados ultrapassados, se formos considerar a rapidez com que a informação emerge, o crescimento virtual da mídia em língua espanhola segue acontecendo pelo interesse em expandir também sua identidade cultural.

Retomando o contexto em que vivenciei e a contemporaneidade, a assertiva acima não é privilégio do mundo hispânico, e sim da sociedade atual. É cada vez mais incidente a comunicação sem fio, a mobilidade e o encurtamento da distância, privilegiando um acesso fácil à informação, à cultura e às formas de convívio social com outros povos. A sociedade contemporânea acentuou o envolvimento de todos para todos nas trocas comunicacionais e culturais. O isolamento, a privacidade, a política restrita de uso da informação, o não uso e o não abuso, não querer estar na aldeia global são próprias de poucas comunidades hoje em dia. Vivemos já a cibercultura, mesmo que de modos mais ou menos intensos para cada comunidade.

Diante do exposto, encontrei motivação para que houvesse uma reflexão em torno de uma mídia que é aceita pela escola, que é usada por alunos do mundo inteiro e que, ao mesmo tempo, pode contribuir para a aula de língua estrangeira. A possibilidade de ampliar o repertório cultural e inserir alunos no contexto digital, atuando e mobilizando para tal fim, foram aspectos contundentes para que eu ingressasse neste tema de pesquisa.

1.1 QUESTÕES DE PESQUISA

Partindo da premissa de que as mídias educam e que, por essa razão, os *Edublogs* entendidos como mídias digitais, podem ser utilizados no ensino de espanhol como língua estrangeira, este trabalho procura responder à seguinte questão de pesquisa:

De que maneira se constituem os blogs passíveis de serem usados com fins pedagógicos para o contexto de ensino de Língua Estrangeira no ciberespaço hispânico?

Para nortear o trabalho, foram propostas as seguintes questões:

- De que maneira a relação Blog e Educação é entendida na cibercultura?
- Como se caracterizam os *Edublogs*, em especial os que se destinam à Língua Estrangeira? Que tipo de perfil tem e quais características apresentam?
- Como o *Edublog* poderia ser uma estratégia de ensino de L.E na cibercultura?
- De que forma o *Edublog* poderia ser utilizado como recurso pedagógico?
- Quais indícios de práticas pedagógicas dos professores podem ser percebidos quando fazem uso do *Edublog*?

1.2 OBJETIVOS DA PESQUISA

O objetivo central desta pesquisa foi estudar como se constituem os blogs educacionais de língua estrangeira espanhol (*Edublog* de E.L.E), enquanto estratégia didático-pedagógico ou/e enquanto recurso pedagógico, de forma a conhecer suas características, lacunas e potencialidades. Para isso, os objetivos específicos foram os seguintes:

- 1) Analisar como se caracterizam e como se organizam os *Edublogs*, definindo-os e identificando a sua função e finalidade;
- 2) Identificar como podem o *Edublog* de L.E ser usado como meio de ensino;
- 3) Avaliar as possibilidades de abordagens de ensino e aprendizagem de língua estrangeira subjacentes ao *Edublogs* de E.L.E;

4) Sugerir um instrumento de análise que possa apoiar o professor de línguas estrangeiras no momento em que for identificar, explorar, criar e manter um *Edublog* de E.L.E.

1.3 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Este trabalho, de cunho qualitativo, insere-se no campo de estudo da mídia-educação porque busca entender as mídias de modo a torná-la inteligível, de defender seu acesso em distintas instâncias e a preocupação em como produzi-las e veiculá-las na *cibercultura*. As ideias de Buckingham (2002), Belloni (2001), Fantin (2006), Rivoltella (2005), Gonnet (2004) e Orofino (2005), de que devemos educar sobre as mídias enfatizando a sua produção em contexto escolar também influenciaram sobremaneira neste trabalho, pois “ensinar sobre as mídias envolveria o conteúdo e a forma de textos midiáticos e a reflexão sobre os contextos sociais em que eles são produzidos”. (FANTIN, 2006, p. 84). Dessa forma, podemos entender o contexto metodológico (que engloba a perspectiva de fazer educação com os meios), o contexto crítico (que envolve fazer a educação para as mídias, ou sobre os meios) e o contexto produtivo (que envolve fazer educação através das mídias ou dentro dos meios) como os contextos nos quais opera a mídia-educação. Nesse sentido, fazer mídia-educação pressupõe educar *com, sobre, para e através* dos meios e são as “dimensões de um fazer-refletir a educação para os meios”. (FANTIN, 2006, p. 86).

Para que isso se efetive, é preciso contar com um profissional multidisciplinar que contribua com conhecimentos da comunicação e da educação e, ao mesmo tempo, possa superar a dicotomia educar para as mídias ou com as mídias. (idem, p. 88). Esse profissional, o mídia-educador, está em constante transformação porque não atua somente no contexto escolar, mas em outras instancias tomando os pressupostos da comunicação e da educação. Assim é possível articular conhecimentos trazidos da pedagogia, da didática, dos estudos culturais e da semiótica. No trabalho, não discuto estritamente o papel do mídia-educador, mas

entendo que o profissional que segue essa linha tem condições de pôr em prática ações educativas eficazes que envolvam as mídias.

Dessa forma, é possível concluir que a mídia-educação “se define como um campo aberto de pesquisa e ação em relação às mídias e à educação a partir de um estatuto epistemológico” (FANTIN, 2006, p. 99) e “se revela numa teoria e prática de fazer-refletir educação com os meios, através dos meios e sobre os meios, e possui como enfoque principal a construção do pensamento crítico”. (FANTIN, 2006, p. 100)

Acrescento que este trabalho direciona também para capacidade de metarreflexão e questionamentos que norteiam a mídia-educação (FANTIN, 2006). Para a capacidade de ter consciência para o uso da mídia, de saber analisá-las, avaliá-las, criticá-las, de criá-las, de produzi-las e empregá-las em diversos repertórios culturais exercendo a cidadania.

Através desse viés da mídia-educação, e da influência de outros autores que versam sobre educação para os meios (RIVOLTELLA, 2005, GONNET, 2004, OROFINO, 2005), este trabalho busca contribuir para as pesquisas e reflexões sobre o uso pedagógico do blog Educacional no ensino e aprendizado de língua estrangeira (Edublog de L.E). Como um recurso de internet, o *blog* é atribuído por alguns como o gênero digital que revolucionou a linguagem (ORIHUELA, 2006; PRIMO, 2008; MARCHUSCHI e XAVIER, 2005; GOMES, 2005 entre outros). Seu uso tem sido constante na prática de ensino de línguas estrangeiras como o espanhol, porque, para alguns autores (JOU, 2010, TORRES RÍOS, 2006, LANZA, 2007, dentre outros), se constata sua potencialidade e viabilidade no processo de ensino-aprendizagem de línguas.

Com base nesse construto teórico, o trabalho enfoca-se, portanto, para o uso pedagógico do blog, enquanto um recurso pedagógico eficiente e também como estratégia adotada por professores de línguas. Para identificar as características dessa ferramenta, o trabalho traz os caminhos para se chegar a uma base documental que

tenha como foco os *Edublogs de L.E* e analisa alguns deles a partir de um estudo empírico. Porém, como a pesquisa se torna intuitiva sob esse caminho, ainda que trazendo aspectos da mídia-educação, adota-se algumas técnicas da análise documental e de conteúdo orientada por Bardin (2010), que define como um conjunto de instrumentos que tentam enxergar mais além do que as mensagens dizem. No que se refere ao campo, ou território, e autora diz que não se trata de um instrumento, “mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações”. Assim, de forma objetiva define o campo como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações”. (BARDIN, 2010, p. 33). Em sua essência, a análise de conteúdo enfoca-se no tratamento das mensagens procurando revelar pontos interessantes que estejam subjacentes às mensagens e se que objetiva a descobrir.

1.4 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Esta dissertação está organizada em uma introdução que contextualiza a problemática, as questões de pesquisa, a justificativa e motivação da investigação. No capítulo 2 apresenta a fundamentação teórica sobre Comunicação e Mídia-Educação, localizando o objeto de pesquisa dentro da cibercultura e da blogosfera. Também define e descreve os blogs em geral e os blogs de língua estrangeira (Edublog de L.E). No capítulo 3, traz a revisão teórica sobre os meios de ensino de língua estrangeira com especial atenção à contemporaneidade. Já no Capítulo 4 descreve a metodologia utilizada para a coleta dos dados, que foi através da técnica de pesquisa documental e mostra os edublogs selecionados. Finaliza com o capítulo 5 que contém a análise e discussão dos dados. Nas considerações finais, volta-se às questões levantadas na pesquisa bem como às conclusões sobre os objetivos alcançados ou não, através de uma reflexão sobre os resultados encontrados, as limitações da pesquisa e as recomendações para investigações futuras.

2 COMUNICAÇÃO ↔ MÍDIA ↔ EDUCAÇÃO

Este capítulo dialogará com autores que versam a partir da Cibercultura e da Mídia-Educação, onde a mídia *blog* está inserida. Para isso, apresento o conceito de comunicação e de mídia fazendo a sua relação com a educação e com a língua estrangeira. Sigo esclarecendo algumas questões terminológicas, esmiuçando os conceitos e as terminologias em torno do *blog*, suas características principais, seus prós e seus contras. Isso porque o blog foi criado para um fim específico (comunicação), e não para a educação. Embora tenhamos blogs e blogs educacionais (*Eublogs*) há mais de uma década, não há uma consolidação teórica que o explique. Assim, além de tentar conceituá-lo, este capítulo pretende dar pistas para responder à questão principal desta pesquisa.

2.1 ALGUMAS PALAVRAS SOBRE COMUNICAÇÃO, CIBERCULTURA E O CONCEITO DE MÍDIA

Quando se está estudando um objeto da Comunicação, se está lidando com aspectos sociais, culturais e históricos que mobilizam possíveis compreensões e caminhos a serem seguidos para um mesmo objeto. Isso porque podemos dizer que a palavra *comunicação* é polissêmica, pois parte de diferentes perspectivas dependendo da área de conhecimento que a direcionamos. Por, justamente, não ser clara e precisa e por vezes ser entendida como meio, canal, mídia, transmissão, sistema de relações, troca de informação, diálogo, expressão, veículo de comunicação etc., é que esta pesquisa busca, primeiramente, elucidar alguns conceitos que estão ligados à comunicação e sua relação com a educação. É pertinente deixar claro e justificar qual escolha dos termos mais utilizados a fim de entender e melhor localizar no objeto de estudo e na perspectiva que trago. Como afirma Armand Mattelart¹¹, uma possível terceira guerra mundial acontecerá e será a guerra semiótica, visto que depende das representações que damos às palavras. Sem exagerar, talvez, ao sentido

¹¹ Entrevista no Youtube. Disponível em:

http://www.youtube.com/watch?v=Q_SWo05ynz8&feature=PlayList&p=19321752D59940A9&index=0&playnext=1. Acesso em: nov. 2009.

que o sociólogo quis dar à palavra “guerra”, mas compartilhando da mesma preocupação com a polissemia dos termos teóricos, concordo que na comunicação seja impossível de haver "uma matriz teórica hegemônica" (PEREIRA, 2008, p. 25). Até porque:

Dependendo do contexto, comunicação pode significar 'diálogo', 'transmissão', 'reação', 'formação de relações', 'disputa', 'processo', 'organização', 'geração de conhecimento', 'geração de enunciados', 'troca', 'materialização' ou, simplesmente, um 'exercício de humanidade', ou seja, um traço peculiar que diferencia o ser humano de outros seres vivos. (VILALBA, 2006, p. 7)

E é nesse traço peculiar que busco entender a comunicação humana como algo dinâmico e passível de movimentar por terrenos que não estejam pensados só nos meios, no conteúdo, nas mídias, na produção, no emissor mas também em quem as recebe, o que acontece e nas mediações.

A comunicação faz parte da atividade humana e compreende o processo, a compreensão mútua e a relação de interferência entre os indivíduos, estes mediados ou influenciados por fatores diversos. (VILALBA, 2006). Ela é significativa e produz sentidos (VILALBA, 2006; POLISTCHUK e TRINTA, 2003).

Assim como a comunicação é inerente ao homem, também é imperativo pensar na sua relação com a cultura, pois as duas não podem ser vistas separadamente. Nesse sentido, vemos nitidamente a relação entre cultura e comunicação, onde existe uma nova cultura que cada vez mais está presente nesse novo espaço da comunicação humana, que é o espaço digital.

É uma cultura emergente que ainda está se consolidando ao mesmo tempo em que os avanços das tecnologias de informação e comunicação (TIC) e as novas manifestações culturais subjacentes a esse avanço fazem parte do cotidiano da humanidade. Contudo, como ainda é um momento de transição, não podemos exagerar e comparar

que com o avanço das formas de comunicação, por exemplo, a internet, resume-se em uma nova cultura do saber. Como bem pontua Levy (1999), “os excessos não devem ser encorajados” (p.162), pois ainda em se tratando de mutação as vantagens e desvantagens seguem em desenvolvimento.

Mesmo assim, há que convir que as novas manifestações culturais, as práticas sociais têm uma relação direta com a cultura digital, porém não são as tecnologias que direcionam essa cultura. Essa manifestação cultural, chamada de cibercultura, tem influenciado a maneira como recebemos, apropriamo-nos e transmitimos a informação gerando, dessa forma, novos hábitos, valores, pensamentos e intensificando a globalização do saber em nossa sociedade. A cultura audiovisual e seus produtos estão cada vez mais presentes em nossos hábitos. Nossa primeira cultura é a cultura midiática por força da sociedade em que vivemos. (GADOTTI, 2005). Ao longo de nossas vidas, temos o desafio de passar dessa cultura primeira, essa que adquirimos sem saber e absorvemos sem perceber, à cultura elaborada, mais sistemática, sem eliminar uma a outra, e sim engrandecê-las mutuamente. (GADOTTI, 2005)

Dentre as características da cibercultura, destacamos que a interatividade, a conectividade, a hipertextualidade “podem ser compartilhadas entre numerosos indivíduos, e aumentam, portanto, o potencial de inteligência coletiva¹² dos grupos humanos” (LEVY, 1999, p. 157). O meio pelo qual houve essa revolução na cultura e se propagou a inteligência coletiva é a mídia. Arelada à complexidade da comunicação humana, a mídia tem influenciado nas manifestações culturais e no modo como apreendemos o conhecimento. É bem verdade

¹² Segundo o próprio autor, criador desse termo, “É uma inteligência distribuída por toda a parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em mobilização efetiva das competências. Acrescentemos à nossa definição este complemento indispensável: a base e o objetivo da inteligência coletiva são o reconhecimento e o enriquecimento mútuo das pessoas, senão o culto de comunidades fetichizadas ou hipostasiadas. Uma inteligência distribuída por toda parte: tal é o nosso axioma inicial. Ninguém sabe tudo, todos sabem alguma coisa, todo o saber está na humanidade”. (LÉVY, 1998, p. 28-29)

que interagimos mais através das mídias, com pessoas do mundo inteiro, trocando e compartilhando informações com elas por meio de conexões cada vez mais avançadas. Opinamos, participamos, buscamos integrar as pessoas enfim, criamos novas maneiras de pensar, agir, aprender e transmitir uma informação em sociedade desde diferentes acessos e, muitas vezes, de forma não linear e sem nos darmos conta de que está tudo presente no cotidiano. Portanto, as novas práticas de socialização humanas relacionadas à tecnologia digital são pautadas na *cibercultura*.

Cabe explicitar, pois, o que entendo por mídia. A mídia designa o meio, instrumento, canal e veículo para comunicar ideias, pensamentos e toda expressão humana possível. Etimologicamente, mídia provém do latim *medium* (meio) e seu plural é *media* (meios). No Brasil, é comumente usada a palavra *media*, mas por causa de sua pronúncia inglesa. Defini-la é tão complexo quanto falar de comunicação assim como é tão complexo falar de cultura, pois a ambiguidade semântica dos termos permite múltiplas associações ocasionando inclusive a confusão entre os termos comunicação e mídia.

Mas o que leva a não conformidade conceitual? De fato, a característica de que a comunicação seja cambiante e o instrumento que usamos para acontecer a comunicação amplia os olhares. Trato o conceito de Mídia a partir da perspectiva plural, de que pode abranger os meios de comunicação de massa, as instituições, as ferramentas de comunicação síncrona e assíncrona, multimidiáticas ou não, um sistema comunicacional complexo, um bem cultural que está ao alcance dos sujeitos e que faz parte da vida desses sujeitos. Sei, porém, que esse termo é polissêmico – como foi falado – e pode ser tratado a partir de diferentes abordagens teóricas, enquanto sistema ideológico, enquanto relação de poder, enquanto a cultura propriamente dita e enquanto uma tecnologia da sociedade humana por exemplo.

Nesse sentido, é fato que não podemos mais escapar à mídia (SILVERSTONE, 2002), ela já faz parte do cotidiano, convivemos com ela, lidamos com as formas de saber fazer algo com ela, através dela e apreendemos o conhecimento sob seus diferentes aspectos. E é desta visão plural e, ao mesmo tempo complexa, que faço a relação entre mídia e comunicação.

2.2 MAPEANDO AS MÍDIAS, SEU CONTEXTO E SUAS TIPOLOGIAS

Com vias de conhecer um pouco mais o objeto de pesquisa parti para a busca de outras tipologias de mídia atualmente encontradas na literatura e nos próprios meios comunicacionais.

Primeiramente, vale lembrar que as ditas mídias de comunicação de massa, como o rádio, a televisão, a impressa e a internet já são conhecidas por sua tradição. Embora sejam conhecidas, ainda encontramos na literatura debates sobre quem tem ou não acesso a elas, como ocorre esse acesso, o que de novo está surgindo e a representação dessas mídias na sociedade. Em paralelo, outras discussões seguem com a evolução tecnológica e o surgimento de novas formas de comunicação, como as mídias emergentes da própria internet, que modificam relacionamentos e comportamentos e que, igualmente, corroboram com os mesmos temas de debates. Um exemplo mais pontual está diretamente ligado às chamadas mídias de internet.

As atuais formas de interagir com o mundo através da internet, compartilhando e colaborando para a construção do conhecimento justificam o crescimento dessas novas formas de comunicação e o seu aperfeiçoamento em um curto espaço de tempo. Vivemos na cibercultura onde ainda se estabelecem as novas formas de sociabilidade humana e onde tentamos compreender como as tecnologias digitais estão diretamente ligadas às práticas, atitudes, valores e modos de pensamentos aos quais se desenvolvem juntamente com o novo espaço de comunicação, o chamado ciberespaço (LÉVY, 1999).

Mas afinal, o que são e quais são todas essas novas mídias que tanto influenciam no cotidiano das pessoas? De fato, referir-se ao “novo” talvez não traduza como realmente se apresenta a mídia no contexto atual, pois, com os avanços e atualizações constantes, tudo o que é novo passa a ser obsoleto (HACK; NEGRI, 2010). Só o fato de as inovações tecnológicas modificarem o aspecto da mídia já é motivo de chamá-la de nova. Porém, há que ver se sua função, seu acesso, a

mediação, sua interatividade permanecem os mesmos, pois nada adianta uma mídia “nascer” em épocas diferentes e seguir com as mesmas características. A televisão que sempre nos acompanhou e a recente televisão digital são exemplos concretos de como uma mídia se transforma e se torna nova. Pensando mais além do caráter instrumental, alguns conteúdos veiculados na televisão também permanecem os mesmos, modificando ou não os esquemas mentais.

Assim, os meios comunicacionais que estão na internet podem ser chamados também de mídias. E se fazem parte da internet, como meio digital em contraposição com o analógico¹³, são chamadas de mídias digitais. As mídias de internet a que nos referimos anteriormente são as redes de relacionamentos, as comunidades virtuais que se utilizam de softwares sociais com o intuito de comunicar, colaborar, conviver, relacionar-se e interagir socialmente os indivíduos. Dessa forma, elas se caracterizam pela sociabilidade, colaboração e interação. Também conhecida por algumas vertentes da comunicação como Mídia Social¹⁴, tem como principal característica promover uma rede entre pessoas e fazer com que elas mesmas construam o espaço da internet. Com isso, nessas mídias, a rede de pessoas¹⁵ constrói conhecimento, age politicamente, negocia significados, produz mídia, gestiona as informações, intervém nas práticas, medeia os bens culturais, distribui a lógica das regras enfim, ao mesmo tempo em que consome e recebe as mídias nas quais atuam.

¹³ Analógico e Digital podem ser entendidos como as formas que são codificadas as informações. Os processos analógicos não partem da lógica binária 0 e 1 utilizada pela lógica digital, ou seja, traduzida por números (LÉVY, 1999, p. 50). Isso quer dizer que no digital as informações são transformadas em uma combinação binária entendida por computadores e retransmitidas facilmente por eles. “A informação analógica é, portanto, representada por uma seqüência contínua de valores” (LÉVY, 1999, p. 51). Nos meios de comunicação, por exemplo, a transmissão de informações pela lógica analógica se dá de forma direta, com perda de definição enquanto que na lógica binária não há perda fazendo com que o uma imagem ou som seja cópia daquilo que se transmite.

¹⁴ Segundo Spyer (2007) é um termo menos difundido, mas descreve igual as ferramentas, plataformas e práticas usadas para o compartilhamento de opiniões e experiência via internet. Já o termo Nova Mídia se popularizou como sinônimo de tecnologias e métodos de comunicação relacionados à internet (p. 27)

¹⁵ Recuero (2009) chama de representação de atores sociais os indivíduos que usam essas mídias como espaço de interação, lugares de fala como forma de expressar sobre sua personalidade ou individualidade.

A exemplo desse tipo de prática nas novas mídias, podemos citar as redes sociais (e de relacionamento), as redes de alojamento de fotos, músicas e vídeos, e as comunidades virtuais. *Sites* como *Orkut*, *Facebook*, *Flirck*, *MySpace*, *Youtube* e *Twitter*¹⁶ são conhecidos no Brasil. Alguns menos conhecidos como *HI5* e o *Friendster*¹⁷ se limitam à preferência de outros países. Para os comunicadores Joel Comm e Ken Burge, talvez a melhor definição de mídia social “seja o conteúdo que foi criado por seu público”. (2010, p. 3). Nesse sentido, os autores sugerem que o que é criado por uma pessoa tende a ser complementado por outra levando o assunto a outras direções e atualizando com informações. Sem dúvida, essa seria a parte “social” da mídia de internet, onde a participação é efetiva no processo e promove a participação de outras pessoas através das conexões.

Conforme colocado, essas conexões formam uma rede de relações entre grupos ou indivíduos apoiados em tecnologias. Fazendo um analogismo, podemos considerar que as clássicas redes sociais, caracterizadas por espaços reais de relacionamento e cooperação dentro de um segmento fechado, como um clube, uma escola, uma associação de empresa, uma comunidade de rua, agora são exploradas pelo entorno digital e expandido com e através de outras pessoas. Assim, entendo por rede social o que Recuero (2009) traz:

¹⁶ Além dos já mencionados, os endereços dos outros *sites* são: www.flickr.com, www.myspace.com, www.youtube.com e www.twitter.com respectivamente. Essas redes são conhecidas entre os usuários brasileiros.

¹⁷ O site HI5 (www.hi5.com) e o Friendster (www.friendster.com) não têm notoriedade entre os usuários brasileiros. De certa forma, a popularização do *site* depende da quantidade de adeptos que se inter-relacionam. É o caso do *Orkut* no Brasil e em Portugal. Porém, se uma pessoa deseja manter contato e publicar conteúdo para um hispânico provavelmente deverá se inscrever em outra rede. A questão da preferência da rede tem a ver também com a estética do *site*, as experiências de vida, os interesses e objetivos além do nicho mercadológico da empresa de internet. Atualmente, há uma forte tendência dos brasileiros usarem somente o Facebook em função de sua popularidade no mundo inteiro e a identificação com o implementador Marc Zucheborg. Para mais informações de *sites* como esses, acessar: www.wikipedia.com/redes_sociais.

É gente, é interação, é troca social. É um grupo de pessoas, compreendido através de uma metáfora de estrutura, a estrutura de rede. Os nós da rede representam cada indivíduo e suas conexões, os laços sociais que compõem os grupos. Esses laços são ampliados, complexificados e modificados a cada nova pessoa que conhecemos e interagimos. (p. 29)

Porém, a autora ressalta que, segundo alguns modelos de estudos, nem todas as redes sociais da internet são espaços para troca efetiva de mensagens entre as pessoas. Posteriormente e ampliando seus estudos, adverte que nem tudo o que conhecemos hoje em dia são redes sociais virtuais. Em sua teoria, e embasada na teoria dos nós de Albert Barbási e dos laços de redes de Watts, ela aponta críticas com relação ao que chamamos de rede social, uma vez que é necessário analisar que sua estrutura conta não necessariamente para a efetivação dos laços sociais apesar de estarem conectadas por pessoas. Isso quer dizer que o fato de alguém ser "amigo" no Orkut ou seguidor e leitor assíduo de blog vá haver uma interação:

ora, partindo dessa perspectiva, a análise estrutural das redes sociais procura focar na *interação* como primado fundamental do estabelecimento das relações sociais entre os agentes humanos, que originarão as redes sociais, tanto no mundo concreto, quanto no mundo virtual. Isso porque em uma rede social, as pessoas são os nós e as arestas são constituídas pelos laços sociais gerados através da interação social. (RECUERO, 2009, p.4, grifo da autora)

Nesse sentido, a interação como prioridade de estabelecimento de uma rede social é importante para a manutenção das conexões. Não havendo a interação como ponto forte ligando e motivando a conexão entre os nós, tem a hipótese de uma rede se tornar uma ilha isolada e não uma rede. Conforme a autora pontua citando o modelo de Watts "não há redes paradas no tempo e no espaço, pois as redes são dinâmicas e estão sempre em transformação". O diálogo e a troca de mensagens entre a própria conexão ou entre as pessoas em *softwares* sociais pressupõem interação.

Ainda segundo Recuero (2009), a manutenção dessa interação se dá por laços sociais (em oposição ao laço associativo, ou seja, por pertencermos a um lugar comum). Existem laços fortes e fracos nessas conexões. O laço forte compreende a vinculação mais íntima, intencional e mais próxima com pelo menos duas pessoas. O laço fraco compreende as relações mais afastadas, comparando com graus de distanciamentos, mas que não pressupõem algo sem vínculo. Se formos comparar ao *Orkut*, por exemplo, podemos ilustrar através da característica "amigo" e "amigos do amigo" onde não necessariamente esses últimos serão mais próximos do usuário, porém eles têm algo em comum: o amigo.

Para que seja possível essa interação social em rede, certos sistemas "podem ser utilizados para forjar laços sociais" (RECUERO, 2009, *online*). São os chamados *softwares sociais*. Os mais conhecidos são blogs e microblogs, redes estritamente de relações sociais e *sites* para compartilhamento de interesses comuns como as rádios *on-line*, os *podscast* e as comunidades virtuais. Geralmente, eles são "um espécie de perfis de pessoas e suas comunidades" onde ali "é possível perceber suas conexões diretas (amigos) e indiretas (amigos de amigos), bem como organizações sob a forma de comunidades" (RECUERO, 2009, *online*)¹⁸.

Algumas mídias sociais, com seus *softwares*, agem virtualmente nas relações estabelecidas pelos nós em que se entrecruzam as pessoas. Para haver a sociabilidade, é necessário que haja interação entre elas. Ferramentas de relacionamento social e virtual e comunidades virtuais são consideradas redes sociais. Algumas, porém estão deixando seu *status* de rede social justo por ter mudado certos enfoques e

¹⁸ Para complementar, trago da *Wikipedia (on-line)* uma definição de rede social que está sendo amplamente usada: "é uma estrutura social composta por pessoas (ou organizações, territórios, etc.) – designadas como *nós* – que estão conectadas por um ou vários tipos de relações (de amizade, familiares, comerciais, sexuais, etc.), ou que partilham crenças, conhecimento ou prestígio". Nesse sentido, ela é uma conexão que integra pessoas que possam interagir por seus interesses e laços afetivos, compartilhando ideias e valores com pessoas que desejam fazer o mesmo. As identidades, tão estudadas pelos estudos culturais, aqui se fazem presentes e devem ser exploradas uma vez que lidam com perfis de distintas pessoas.

características. É o caso do blog, que como meio comunicacional interagia com e entre as pessoas, mas acabou se tornando em certos contextos uma ferramenta sem interação, o que para alguns autores não entraria na classificação de rede social virtual. Spyer (2007), por exemplo, talvez por estar mais direcionado à área da comunicação social e publicidade, classifica o blog enquanto mídia social. Adoto a reflexão de Recuero quando diz que o blog pode ser sim uma rede social, mas também concordo que ele seja uma mídia social, entendida aqui, num sentido mais amplo, enquanto meio de comunicação passível de interação social. Assim, rede social e mídia social são sinônimas ainda que tenha claro que isso depende dos estudos teóricos adotados.

Outro componente da rede social é a colaboração¹⁹. Colaboração é a palavra-chave que impera no mundo atual em se tratando da Web 2.0. As redes sociais permitiram essa dinâmica da colaboração ampliando a popularização da informação e dos recursos da internet, afinal colaborar também é uma prática social. Esse novo comportamento oferecido pelos serviços da Web 2.0 modificou, sem dúvida, o pensamento reducionista que se tinha da mídia enquanto veiculação de conteúdos para usuários passivos. Nesse sentido, com a colaboração é possível pensar em uma atuação maior do usuário, pois ele tem a responsabilidade de contribuir. Qualquer ação na internet pode ter seu grau de colaboração. Isso vai desde visualizar vídeo e opinar sobre ele até mesmo subir um vídeo que seja de interesse de um determinado grupo.

Marcuschi (2005) diz que em certo sentido, “a internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo”. (p. 13). Ao certo, é que a ideia de “de muitos para muitos” (SPYER, 2007) pode ser pensada para uma educação colaborativa dentro e fora da escola.

¹⁹ Na colaboração através dos meios, principalmente pelo meio eletrônico, as pessoas compartilham conhecimentos, resolvem problemas, lançam novos desafios, aprendem e ensinam juntas, produzem, distribuem e trocam informações.

Por último, trago à reflexão de que as redes sociais e novas mídias contribuem para novos gêneros textuais²⁰ emergentes que modificam a linguagem (e a língua) que conhecemos hoje. Assim, conforme Marcuschi (2005), “esse ‘discurso eletrônico’ constitui um bom momento para se analisar o efeito de novas tecnologias na linguagem e o papel da linguagem nessas tecnologias”. (p. 14)

As novas mídias, e sua multiplicidade de gêneros, podem se juntar a novas formas de ensinar e de aprender, tornando mais dinâmico o processo de construção do conhecimento. Como o processo educativo é uma relação interativa, vários recursos e estratégias são utilizados para tanto.

Há que se destacar que algumas ferramentas emergentes, como os microblogs e as redes sociais, estão cada vez mais sendo usadas na educação, tanto por professores quanto por alunos, independentemente de níveis ou modalidades de ensino, que descobrem nelas outras formas de produzir e se comunicar. No entanto, conforme bem lembra Gomes (2005), essas novas ferramentas são “umas vezes fruto de entusiasmos ou curiosidades passageiras, outras vezes presenças consistentes e continuadas na web” (p.118).

Dentre os recursos didáticos emergentes consolidados até o momento – que trazem abordagens e práticas educativas no contexto de educação *on-line* –, encontramos o correio eletrônico, as videoconferências *on-line*, os comunicadores instantâneos, as comunidades virtuais e os *softwares* sociais como a Wiki e o Blog. Com esses recursos, o processo de ensino-aprendizagem conta com novas formas de ensinar e aprender na cibercultura, onde a presença da

²⁰ Tomamos o conceito de Meurer (2000) para gênero textual. Segundo o autor, gênero textual são tipos específicos de texto de qualquer natureza, sendo literário ou não tanto na forma oral, como na escrita. “São reconhecíveis pelas características funcionais e organizacionais que exibem e pelos contextos onde são utilizados. Gêneros textuais são forma de interação, reprodução e possível alteração sociais que constituem, ao mesmo tempo, processos (Kress, 1993) e ações sociais (Miller, 1984) e envolvem questões de acesso (quem usa quais textos) e poder.” (p. 150)

tecnologia digital mudou significativamente os hábitos, os valores e o modo de ser da humanidade.

Diante disso, alguns desses recursos se encaixam no novo paradigma que se está construindo, que pensa na educação com foco na aprendizagem do aluno e este como sujeito protagonista do processo. O modo como pensamos e vivemos atualmente pressupõe acompanhar a dinâmica desses novos recursos, principalmente no contexto escolar que ainda lida com conflitos entre práticas consolidadas de ensino e as novas tendências. Nesse sentido, recursos antigos ficam condicionados a práticas passivas no contexto escolar, enquanto que recursos novos auxiliam nas práticas ativas que a cibercultura (e o novo pensar a educação) pressupõe. Longe de fazermos generalizações e afirmações, é pertinente pensar na obsolescência de determinados recursos que ficaram à mercê de tempo e foram substituídos totalmente por outros justamente porque estamos vivendo a cibercultura. Para exemplificar, tomo como exemplo o flanelógrafo, que auxiliou muitos professores na instrução de conteúdos. Embora esse recurso didático continue na ativa, seu resultado não será o mesmo porque a mesma interatividade pode ser proposta pelas novas mídias e, por sua vez, trazem recursos muito mais atraentes que o flanelógrafo. Por conta disso, é pertinente pensar também que nem todo recurso novo substitui a função garantida que um recurso antigo tenha. O livro impresso, por exemplo, desempenha uma importante função, tem tradição e *status* ao mesmo tempo em que é acessível a quase todos. Ainda que tenhamos um livro digital, sua função primeira continua e, como sabemos, o debate de como ele é bem ou mal usado continua a ser feito pela comunidade.

2.3 A CONTRIBUIÇÃO DA MÍDIA-EDUCAÇÃO

O inglês Roger Silverstone (2005), diante de sua incitadora pergunta (por que estudar a mídia?) argumenta que precisamos estudar a mídia para compreender nossas vidas e o que está em nosso entorno. Isso porque, na atual cultura, vivemos em um mundo onde a mídia é

“onipresente, diária, uma dimensão essencial de nossa experiência contemporânea” (p.12), às vezes intensa e às vezes insistente, no nosso cotidiano. Nesse sentido, para o autor, não podemos mais escapar à sua presença e representação, pois passamos a depender da mídia, seja ela impressa ou eletrônica, para fins de entretenimento e informação, de conforto e de segurança resultando assim na textura geral da experiência humana. (2005, p. 12). E, diante de tal desafio questionador, podemos voltar a nos perguntar então: por que devemos tornar a mídia compreensível?

Segundo Silverstone, esse é um desafio nada fácil, tampouco confortável, que devemos perseverar para que aos poucos consigamos atingir essa meta (p. 283). Conforme ele mesmo pontua, compreendendo a mídia na nossa vida social e cultural podemos lidar com o que vemos, ouvimos, tememos e almejamos.

Trazendo as reflexões do autor para o contexto das novas mídias, mais do que compreendê-las no seu funcionamento, precisamos compreender o seu papel social, sua fundamental importância e o exercício do seu poder na atual cultura da informação, onde quase tudo é efêmero e mutável. Ainda mais se entendemos a mídia como “linguagens, que fornecem textos e representações para interpretações” (2005, p. 15) e se a entendemos como um processo, como uma coisa feita e em curso em todos os níveis, “onde quer que as pessoas se congreguem no espaço real ou virtual, onde se comunicam, onde procuram persuadir, informar, entreter, educar, onde procuram, de múltiplas maneiras e com graus de sucesso variáveis, conectarem-se umas às outras”. (2005, p. 17)

Desde esse ponto de vista, devemos examiná-la sob a ótica de como se apresenta, de como veicula a informação, de como persuade, de como influencia, de como participa e de como as pessoas interagem com ela e com a comunidade a sua volta. Assim, ao estudá-la, passamos adiante o que aprendemos e contribuímos “para nossa variável capacidade de compreender o mundo, de produzir e partilhar seus significados”. (p.13)

E trazendo ao contexto educacional, a compreensão da mídia exige enxergar o paradoxo existente onde a concepção contemporânea de uma educação para as mídias vai de encontro com uma concepção enraizada de pensar a mídia no ambiente escolar. Isso quer dizer que os sujeitos envolvidos (alunos, professores e pais conjuntamente com a sociedade a sua volta) convivem simultaneamente com múltiplas linguagens midiáticas que influenciam no cotidiano. Essas múltiplas linguagens, trazidas pela crescente revolução das tecnologias de informação e de comunicação, vêm influenciando o modo como as pessoas se relacionam e como elas lidam com o conhecimento. Na escola, lidar com todas essas mudanças se torna um paradoxo, pois é inserir uma concepção contemporânea ainda em fase de consolidação para uma concepção tradicional e enraizada como é o ambiente escolar.

Embora essas linguagens pouco sejam utilizadas em ambiente escolar, elas são amplamente usadas no dia a dia dos alunos, principalmente dos mais jovens, que convivem naturalmente com as novas tecnologias porque estas já fazem parte de sua cultura. Na cultura midiática²¹, mídias como a televisão, o rádio, a internet, o celular, o computador, DVD, o *video game*, o jornal e o livro (digital e impresso) assim (como seus tantos outros gêneros) como história em quadrinhos, jornais, revistas que são utilizados como acesso à informação e à interação estão sendo incluídos na vida das pessoas voluntária e involuntariamente. Portanto, é impossível compreender a mídia sem

²¹A cultura midiática, ou midiatização da cultura, é pensada aqui na atuação e presença ubíqua da mídia no cotidiano, nas relações sociais e sua implicação (e transformação) no âmbito da cultura em todos os seus aspectos. Como afirma Moreira (2003), “hoje, mais que nunca na história, os agentes privilegiados no processo de (re)criação e difusão de valores, comportamentos, gostos, idéias, personagens virtuais e ficção são as grandes empresas transnacionais da mídia, da publicidade e do entretenimento [...]. Essas corporações, cujas empresas conjugam televisão, computadores, Internet, vídeo, cinema, aparelhos de diversão eletrônicos, mas também rádios, revistas, jornais, outdoors, banners e outras formas de comunicação imagética, sonora e/ou virtual, são agentes sociais poderosos. Elas, mais pelas características de sua atuação social que por sua organização interna ou setorial, parecem estar constituindo um verdadeiro sistema midiático-cultural”. (p. 1207)

pensá-la em sua inserção no tempo e espaço escolar e dar-lhe importância na vida dos sujeitos da escola. Proporcionar a esses sujeitos a reflexão crítica sobre a mídia. Nesse sentido, há um bom tempo que as novas vertentes da pedagogia sugerem que a escola não siga sendo vista mais como a detentora do saber, uma vez que a informação²² está pulverizada em vários espaços com vários acessos. O papel da escola e do professor seria mediar esse processo que visa ao conhecimento. Como bem propõe Carmen Lúcia Lascano Pinto (s/d, *on-line*):

Nessa perspectiva, educar para o uso das mídias é mais do que ensinar a mexer no computador, a navegar e pesquisar informações na internet, a gravar e/ou reproduzir filmes em vídeo cassete, a usar recursos e metodologias. É dar condições para que os estudantes saibam, por exemplo: selecionar e decidir o que fazer com as informações, estabelecendo pontes e/ou conexões com outros assuntos; administrar o tempo de uso das mídias (televisão, computador, celular, *video game*, internet, entre outras), interpretar as mensagens veiculadas por elas e comunicar-se e relacionar-se com e através desses meios, sem deixar de lado atividades importantes para os indivíduos de qualquer idade, tais como: ler, movimentar-se (atividade física), estar com os amigos, conviver com a família, passear, entre outras.

Assim, atender às necessidades da educação contemporânea aponta para a interação da escola com a vida cotidiana, tanto acolhendo e trabalhando com símbolos, linguagens, culturas e interesses dos alunos, como se abrindo ao encontro do mundo que

²² Carmen Lúcia Lascano Pinto (Unisinós-RS) alerta para o fato de não confundirmos a questão do acesso à informação com o acesso ao conhecimento, pois estes são distintos. Segundo a autora, “o primeiro ocorre a partir da ressignificação do segundo e não acontece espontaneamente, necessitando da intervenção docente para se concretizar. Vivenciar experiências que geram processos de ensino-aprendizagem, buscar sentido nos temas presentes nas mídias e no interesse dos alunos são ações que podem contribuir para trazer sentido às informações e aos conteúdos aprendidos na escola e fora dela, favorecendo a ressignificação deles pelos estudantes”.

existe para além dos muros escolares. Aprender/ensinar a navegar no mar da realidade comunicacional em que os indivíduos contemporâneos estão imersos, estabelecendo uma “via de mão dupla” com os meios de comunicação, pode contribuir para aprender/ensinar a filtrar, decodificar e quem sabe, recodificar suas mensagens.

Contudo, para atender às necessidades da educação contemporânea ou para tornar o mundo inteligível, assim como propõe Roger Silverstone, devemos fazer uma educação para as mídias onde haja uma política de pensamento e prática. Porém, cabe novamente fazer uma ressalva e tomando a citação anterior, que, ao se falar em mídias e em educação, deve-se desmistificar a ideia de que trabalhando com as mídias em sala de aula (por exemplo) ou levando qualquer tecnologia para o ambiente escolar ou ainda fazendo produção com qualquer mídia, pressupõe-se fazer mídia-educação (ME). Ou seja, a máxima de que integrar as mídias no contexto de educação é pressuposto básico para haver mídia-educação não basta. Na verdade, a grande questão não é pensar somente no *que* fazer com a mídia, mas sim *como* fazê-lo. Há que se pensar qual sentido se quer dar ao inserir as mídias no contexto escolar na atual sociedade cujos hábitos dos seus sujeitos não são os mesmos da realidade de muitas escolas. Não basta, portanto, uma integração das tecnologias de informação e comunicação (TIC) à educação sem uma apropriação ativa, criativa e mediada dos meios por parte dos sujeitos envolvidos. Para entender a integração das TIC sob essa perspectiva é importante deixar claro que devemos partir de alguns princípios mais gerais que, segundo Belloni (2005), só fazem sentido pleno se realizados desde uma abordagem integradora que considere uma dimensão instrumental e uma conceitual: as mídias como ferramentas pedagógicas e como objetos de estudos. (2005, p. 11)

Para que isso se efetive, é preciso contar com um profissional multidisciplinar que contribua com conhecimentos da comunicação e da educação. Esse profissional, o mídia-educador, está em constante transformação porque não atua somente no contexto escolar, mas em

outras instâncias tomando os pressupostos da comunicação e da educação. Nessas duas interfaces, é possível articular conhecimentos trazidos da pedagogia, da didática, dos estudos culturais e da semiótica; e por isso que, nesse sentido, “envolve contribuições metodológicas de áreas diferentes, conforme as necessidades da sua identidade plural, que é instrumental e temática, teórica e operativa”. (FANTIN, 2006, p. 88). Dessa forma, o mídia-educador atua no sentido de fazer-refletir a educação com os meios, através dos meios e sobre os meios, com enfoque principal na construção do pensamento crítico.

Diante dessa reflexão, a mídia-educação é pensada como um campo de estudo que tem a ideia essencial de uma educação para os meios. Sendo desenvolvida desde os anos 70 e proposta inicialmente pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) na década de 1980:

a noção de educação para as mídias abrange todas as maneiras de estudar, de aprender e de ensinar em todos os níveis [...] e em todas as circunstâncias, a história, a criação, a utilização e a avaliação das mídias enquanto artes práticas e técnicas, bem como o lugar que elas ocupam na sociedade. (1984 *apud* BELLONI, 2005, p. 12).

Pesquisadores como Pier Cesare Rivoltella (2005) e Mônica Fantin (2006) definem a integração das mídias ao contexto escolar como a possibilidade de trabalhar educativamente com elas, fazendo assim, que a educação seja *com*, *sobre* e *através* dos meios. São, portanto, as três dimensões principais da mídia-educação. Para esses autores, “discutindo temas como igualdade, direitos de acesso e participação e cidadania, temas do campo da mídia-educação, nessa perspectiva,

educar para as mídias significa educar para a cidadania” (FANTIN, 2007). Pereira (2008) classifica essas três frentes que, segundo ele, devem atuar em conjunto e de forma entrelaçada, da seguinte maneira:

* Trabalhar *com* a mídia seria a reflexão educativa sobre o uso pedagógico dos meios. Quer dizer, utilizar os meios como ferramentas, como apoios à atividade didática e tendo como foco a experiência dos professores na sala de aula. Pereira exemplifica a produção reflexiva de gêneros midiáticos (jornais, revistas, radionovelas, etc.) como forma de expressão. Em geral, as mídias podem ser usadas como o meio e a finalidade do trabalho. (PEREIRA, p. 58).

* Trabalhar a partir da reflexão *sobre* a mídia envolve uma dimensão sobre o pensamento crítico, sobre o estudo dos conteúdos, a análise dos programas de TV ou outra mídia de massa, a reflexão dos próprios meios, a análise do sentido que as mensagens são emitidas e recebidas entre os meios e seus sujeitos, enfim, é a pesquisa em educação sob o ponto de vista cultural e social. “Aqui o objetivo do trabalho é obter conhecimento sobre uma determinada mídia” (PEREIRA, p. 58).

* E por último, trabalhar *através* da mídia pode ser entendido como a realização de alguma atividade por meio da mídia no qual ela se torna o ambiente do qual a educação acontece. O autor dá como exemplos as ações de caráter instrumental que fazemos hoje, como a pesquisa em *sites* de busca ou a leitura e escrita através dos meios.

Porém, conforme aponta Rivoltella (2006), essa última dimensão pode ser conceituada através de duas direções. A primeira, mais tradicional, é a direção do trabalho de produção de mídia com os alunos, como, por exemplo, organizar oficinas de produção multimídia na escola. A segunda direção da educação através dos meios é mais recente e abrange a educação a distância e/ou *e-learning*²³. Nessa

²³ A professora Dr.^a Maria João Gomes (2005a) argumenta que a clarificação do conceito de *e-learning* e educação a distância (EaD) não é uma tarefa fácil. Em seu artigo “E-learning: reflexões em torno de um conceito” a professora defende que o conceito do *e-learning* “engloba elementos de inovação e distinção em relação a outras modalidades de utilização das tecnologias na educação e apresenta um potencial acrescido em relação a essas mesmas

dimensão, a mídia se torna o próprio ambiente no qual a educação a distância (EaD) é desenvolvida. Rivoltella ressalta que há uma discussão em torno dessa premissa, pois nem todos os educadores concordam que o *e-learning* seja parte da mídia-educação. Preferem entender a mídia-educação como um conceito a parte de EaD já que se tratam de perspectivas distintas de educação para os meios. Conclui que há pesquisas que preferem entender o que é a EaD e o que é a mídia-educação. Contudo, pergunto-me se há como separar esse entendimento sendo elas estão tão próximas? Cabe dizer que hoje em dia é difícil pensar que a EaD e/ou *e-learning*, ou qualquer modalidade de educação mediada por computador e internet se faça somente *através* dos meios. Diante da cultura digital na qual vivemos e do percurso das TIC há manifestações que trabalham de forma conjunta e entrelaçada as dimensões da mídia-educação, ou seja, há educação *com* o meio e *através* dele.

As discussões em torno da mídia-educação enquanto ferramenta pedagógica ou objeto de estudo traz à luz de nosso tempo alguns questionamentos. Por exemplo, há outra discussão acerca do termo mídia-educação, sobre os não limites teórico-metodológicos delineados entre tecnologia educacional, comunicação educacional ou educação e mídias, termos que embora similares são encontradas distintas perspectivas na literatura (BELLONI, 2005; BUJOKAS, 2008). O que importa dizer, por enquanto, é que todas essas abordagens refletem sobre o impacto que as mídias causam na educação e como os sujeitos, sendo consumidores e produtores dessas mídias, podem ajudar e ao mesmo tempo dar pistas do como fazer análises para as futuras gerações.

Diante disso, a mídia-educação (ou educação para os meios) vem como um campo de estudo, uma disciplina e uma prática social que visa integrar toda tecnologia de comunicação e informação no

modalidades. Nesta perspectiva, do ponto de vista da tecnologia, o *e-learning* pode ser encarado como um modelo de EaD. Portanto, para a autora esses conceitos não são sinônimos. Para nós, os dois conceitos aparecem como sinônimos porque nos modelos de EaD experienciados e vivenciados por nós incluem cenários de educação com suporte presencial e *on-line* mediatizado pela tecnologia. Portanto, não fazemos distinção entre as duas nesse caso. Por isso, a utilização das conjunções “e/ou”.

desenvolvimento de práticas educacionais mais totalizadoras e democratizadoras que permitam a formação de professores em usuários ativos, críticos, autônomos e criativos das mídias. (BELLONI, 2001). Visa promover competências a partir de especificidades, analisar e refletir sobre as interações com as mídias e criar condições para a participação, sempre que possível, na tomada de decisões a esse respeito. Até porque a mídia-educação “não se reduz aos seus aspectos instrumentais, pois as mídias situam-se numa arena de produção de significados”. (FANTIN, 2006)

Porém, o que se tem atualmente é uma realidade complexa onde o aluno já tem contato com as mídias muito mais que os professores, pois aquele já está inserido dentro de um contexto informacional e o conhece, enquanto estes, por sua vez, estão passando por um momento de transição informacional em suas vidas. Em pesquisas que envolvem o mapeamento das mídias dentro das escolas²⁴, nota-se que essa realidade é bem mais preocupante quando não se tem consciência da própria realidade o que, de certa maneira, confronta com caminhos teórico-metodológicos possíveis dentre os já citados. Assim, sem mediação, resoluções ou tentativas possíveis para os múltiplos olhares a mídia continuará sendo um veículo instrumental que, ao invés disso, poderia promover as competências possíveis para se tornar crítica e menos efêmera.

Pelo texto da UNESCO (1984 *apud* BELLONI, 2005, p. 44) destaca-se que é ilusório pensar que a mídia irá renunciar a seu poder e se adaptar aos objetivos da escola assim como é ilusório pensar que as famílias tenham condições de conscientizar e educar seus filhos para uma leitura crítica da mídia. Cabe à escola fazê-lo desde as perspectivas de uma educação para as mídias:

Como depositária do espírito crítico, responsável pela elaboração das aprendizagens e pela coerência da informação, a escola detém a legitimidade cultural e as

²⁴ Ver pesquisas como a de Rosane Kreusch (2008) e de Silvio da Costa Pereira (2008) no PPGE.

condições práticas de ensinar a lucidez às novas gerações. Diante dos desafios da técnica em geral e da mídia em particular, a escola deve se adaptar, se reciclar e se abrir para o mundo, integrando em seu ensino as novas linguagens e os novos modos de expressão (UNESCO, 1984)

E diante de tal cenário, por que então é importante estudar e ensinar mídias? Tratarei dessa questão reportando-me mais especificamente às mídias de internet e não à televisão ou ao cinema como alguns autores o fazem, e por isso pode ser que minha perspectiva vá de encontro aos discursos usualmente comentados. Isso porque, dentre as mídias em geral utilizadas na escola – rádio, televisão, jornal, livro, etc. –, a internet vem recebendo especial atenção por seu desenvolvimento, e na medida em que ela avança em termos de recursos, avançam também as preocupações que, por um lado, provêm de mídias “antigas” e, por outro, criou-se uma cultura distinta trazida pela inovação midiática e ainda em vias de estudo.

No entanto, é prudente não comparar as novas tecnologias de informação e comunicação com as mídias tradicionais, mas diante de suas vantagens e desvantagens podemos ao menos entendê-las como possibilidades em uma proposta educacional. Nesse sentido, Silverstone (2005, p.47) afirma que "a escrita e a impressa, a telegrafia, o rádio, a telefonia, a televisão, a internet ofereceram, cada um, novas maneiras de administrar a informação e novas maneiras de comunicá-la; novas maneiras de articular desejos e de influenciar e agradar".

Entre as preocupações de pais e educadores com a internet está o uso exacerbado e viciante, a criação de uma nova cultura a partir de novos cenários e costumes, o afastamento dos jovens do convívio familiar, a mudança de comportamentos individuais e da sociedade, as mudanças nas linguagens e a desfronteirização do que tínhamos entre o "virtual" e o "real" (Nicolaci-da-Costa, 2006).

Contudo, ao mesmo tempo em que temos esse cenário que para muitos é desvantajoso, paralelamente temos a internet como extensões de nossas ações, de nosso cotidiano. Exemplo dessas ações é a dificuldade de pensarmos em atividades corriqueiras que vão desde atender uma chamada telefônica em lugares longínquos dos grandes centros urbanos – pensando aqui que com tecnologia das fibras ópticas da qual se vale a internet a comunicação é possível – até o uso de *softwares* em sistemas de busca como o *Google*; ou mesmo a dificuldade de pensarmos na agilidade e encurtamento das distâncias, o que possibilitou o enriquecimento do EaD; ou de pensarmos no vídeo flagrante de uma notícia sem a veiculação dela nos *sites* de compartilhamento de vídeos. Isto é, a internet ainda possibilita convergências, mas também leva as pessoas a buscar informações, a ter atitude inclusiva, a desenvolver sua autonomia e proporciona a abertura intelectual (BELLONI, 2005). Se visualizarmos a internet sob o olhar complementar das demais mídias, nos damos conta de que “é impossível escapar à presença, à representação da mídia. Passamos a depender da mídia, tanto impressa como eletrônica, para fins de entretenimento e informação, de conforto e segurança, para ver algum sentido nas continuidades da experiência e também, de quando em quando, para as intensidades da experiência”. (SILVERSTONE, 2002, p. 12)

Talvez por isso que no contexto educacional brasileiro a internet seja bem-vinda para só determinadas ações, tais como a pesquisa escolar, as práticas de leitura, a construção da escrita, o intercâmbio de informações, o planejamento de projetos e sua execução, o compilamento de textos, entre outras ações. O processo de sua inserção ainda é lento nas instituições escolares onde a internet é confundida com o computador em si e não explorada como os alunos já fazem fora de sala de aula (PEREIRA, 2008), ou seja, ir além da leitura e da escrita. Temos uma geração diferente que precisa também questionar junto com o educador o seu real uso: por que devem estudá-la e (por que não?) devem ensiná-la. Segundo Belloni (2008, p.106) “ao não discutir a mídia e suas características, a escola não ajuda os jovens a compreender suas experiências lúdicas e a desenvolver modos

autônomos e críticos da apropriação da técnica e das relações com as estruturas simbólicas atuantes na rede (os conteúdos)”.

Outro aspecto importante a salientar é a discussão de que os alunos expostos à internet, enquanto mídia digital, os mesmos não encontram metodologias, recursos e conteúdos na escola tão atrativos quanto os que proporcionam outros meios comunicacionais, causando assim o desinteresse pelo conteúdo. Conforme dito, permitir que as instituições escolares abram esse olhar para as mudanças é um processo lento. Sabemos que é difícil “concorrer” com essas mídias, porém permiti-las dentro da escola é possível. Assim como Belloni, acredito que integrar as TIC a processos educacionais é “uma das transformações necessárias à escola para que esteja mais em sintonia com as demandas geradas pelas mudanças sociais típicas da sociedade contemporânea de economia globalizada e cultura mundializada” (2005, p. 100).

Do mesmo modo, a discussão em torno da apropriação técnica dessas mídias – se elas servirão de instrumento, de meio de comunicação, de base de dados, de modernização da escola – e os paradigmas da educação que discutem o auxílio (ou não) dela no processo de ensino e aprendizagem polemizam o campo conceitual da mídia-educação. Por mais esses motivos, é importante estudá-las e ensiná-las.

De acordo com Silverstone (2002, p. 10), “o estudo das mídias precisa ser crítico, relevante”. O autor destaca alguns enfoques do por que devemos estudar as mídias. Além de entendê-las, por serem tão fundamentais para nossas vidas, devemos estudá-las como dimensão social e cultural, política e econômica. Entender como parte da experiência humana, do cotidiano, como onipresença e complexidade. Como algo que contribui para nossas tentativas de compreender o mundo, de produzir e partilhar significados. Como um processo, como uma coisa em curso e uma coisa feita. E reconhecer que o processo é fundamental e social. (idem, p. 13-17). A partir disso, Silverstone propõe que deveríamos estudá-la porque queremos respostas a muitas

questões que surgem em torno da mídia, muitas delas a partir de nossas experiências reais e midiáticas.

Além das experiências, outro ponto a destacar no estudo das mídias é a mediação. Para Silverstone (2002, p. 33) ela pode ser entendida como a circulação coletiva de significados que implica num movimento de um texto, discurso ou evento para outro. Essa mediação envolve tanto leitores e espectadores quanto produtores e consumidores de mídia. O autor conclui que precisamos compreender esse processo de mediação, como surgem os significados, onde e com que consequências²⁵.

Entendo a mediação na escola a partir da comparação do autor (citando George Steiner) com a Tradução: “Nunca é completa, sempre transformativa, e nunca, talvez, inteiramente satisfatória”. (p. 35). Acrescento também que é polêmica, mas pode ser criativa. Considero que a relação das mídias em práticas pedagógicas a partir da mediatização e da mediação pedagógica é de fundamental importância dentro de uma concepção de educação para as mídias, que incentiva a prática da cidadania, da reflexão crítica, da autonomia e da criatividade na interação com e através dessas mídias pensando desde um plano didático. Segundo Belloni (2005, p.26) mediatizar é "conceber metodologias de ensino e estratégias de utilização de materiais de ensino/aprendizagem que potencializem ao máximo as possibilidades de uma aprendizagem autônoma". Quando me refiro à mediação pedagógica, estou me apropriando da definição de Masetto, que afirma que ela:

É a atitude, o comportamento do professor que se coloca como um facilitador, incentivador ou motivador da aprendizagem, que se apresenta com a disposição de ser uma ponte entre o aprendiz e sua aprendizagem [...] que ajuda o aprendiz a coletar informações, relacioná-las, organizá-las,

²⁵ Concepções encontradas nos Estudos Culturais a partir de estudos de Jesús Martín-Barbero e Guillermo Orozco Gómez.

manipulá-las, discuti-las e debatê-las com seus colegas, com o professor e com outras pessoas (interaprendizagem), até chegar a produzir um conhecimento que seja significativo para ele, conhecimento que se incorpore ao seu mundo intelectual e vivencial, e que o ajude a compreender sua realidade humana e social, e mesmo interferir nela (MASETTO, 2000, p.145).

Além disso, corroboro com a ideia de Silverstone ao dizer que devemos saber como funciona a mídia (compreendendo o que vemos, lemos e ouvimos) para passar adiante o que aprendemos, assim pensamento e prática, levando em conta a importância dela para a vida cotidiana senão nada disso servirá. Certamente, a grande questão é saber como isso é possível diante das dificuldades encontradas como o acesso do aluno a essas mídias na escola e fora dela, o entendimento maior que o aluno tem sobre a mídia frente ao professor, a ruptura de paradigmas tradicionais e a cultura cada vez mais mediatizada, porém ainda não totalmente mediada.

Por essa razão, entendo que a inserção consciente das mídias de internet pela escola, pensada a partir dos aportes teóricos da mídia-educação e do entendimento delas a partir de diferentes prismas, contribuiria significativamente o modo como ainda enxergamos determinadas mídias no espaço escolar.

2.4 AFINAL, O QUE É UM BLOG?

A origem da palavra continua incerta, mas todos os autores consultados²⁶ concordam que o termo serve para designar *sites* com

²⁶ Na revisão de literatura, encontrei muitos autores que problematizam o uso do blog enquanto recurso de internet. Optei por revisar somente autores que já foram citados nas teses e dissertações no Brasil e na Espanha. Dentre esses autores consultados, todos coincidem quanto à definição do termo *Blog* usado aqui neste trabalho, mas todos são reticentes ao confirmar a

características sociais. A maioria dos autores concorda também com uma possível origem etimológica, cujo termo vem do inglês *diário da Web* contração de duas palavras inglesas *log* que significa diário, como o diário de um capitão de navio, e *Web* vem de rede. Weblog, portanto, é uma espécie de diário mantido na internet por um ou mais autores regulares (HEWIIT, 2007). Assim como é incerto também o criador do Blog. Diz-se que o termo foi cunhado por Jorn Barger²⁷ em 1997 nos Estados Unidos, porém uma versão afirma que a abreviação Blog foi criada por Peter Merholz por uma simplificação que desejou fazer em seu Blog. A partir disso, outros usuários passaram a apropriar-se desse termo para referir-se a páginas com essas características conforme sinaliza Amarante (2005):

Segundo uma versão da origem do termo “blog”, Peter Merholz, no começo de 1999, anunciou que iria preferir denominar aquele tipo de páginas de wee-blog (pequenino-blog) e isto acabou sendo abreviado para “blog”. O editor de blogs passou a ser chamado de blogger, termo que foi incorporado informalmente para o português como “blogueiro”. Outra versão diz que o nome vem da abreviação da expressão inglesa Weblog, combinando Web, que significa teia e representa a própria Internet, e log, o que caracteriza os registros que são realizados pelo usuário do blog, o blogger, ou blogueiro. (AMARANTE, 2005, p. 20-21)

De acordo com Orihuela (2006); Rios (2005), Gomes (2005), Lanza (2007) e Komesu (2005), entre outros, um *Weblog*, *blogue* ou *Blog* como podem ser chamados e cuja última grafia vamos adotar, é

origem da palavra. Entre eles podemos destacar: [Orihuela](#) (2006), [Sáez Vacas](#) (2005), [Fumero](#) (2005), [Blood](#) (2000)

²⁷Apesar de não se ter mais notícias de Jorn Barger, podemos acessar o seu blog que mantém praticamente o mesmo formato da Web 1.0 como era no ano de 1997. Disponível em: <http://www.robotwisdom.com/>>.

frequentemente descrito como uma página que recebe atualizações ou registros (chamados *posts*) cronologicamente organizados como se fosse um diário em que usuários e seguidores podem compartilhar informações e comentar sobre os registros. Essas atualizações são escritas por diferentes pessoas ou corporações. Conta com outras linguagens audiovisuais e atualmente contém outras ferramentas que integram o leitor com o escritor, como por exemplo o *link* para o *Twitter*. O blog conta com uma terminologia incorporada, uma história e uma cultura. Uma ascensão muito rápida assim como tudo na internet. A facilidade de manutenção e edição dessas páginas tornou-o popular.

Sob o olhar da Linguística, encontrei a definição de Marcuschi (2005, p. 29) que define blogs “como diários pessoais na rede; uma escrita autobiográfica com observações diárias ou não, agendas, anotações, em geral muito praticados pelos adolescentes na forma de diários participativos”. Apesar de certa cautela com a palavra gênero, esse autor também define o blog sendo um gênero digital que comporta múltiplos gêneros textuais.

Já Primo e Smaniotto (2006)²⁸, com o objetivo de esclarecer a designação do termo, diz:

O termo “blog” designa não apenas um **texto**, mas também um **programa** e um **espaço**. Primeiramente, blog indica um espaço onde *blogueiros* e leitores/comentaristas se encontram. Para se ter um blog, enquanto texto e espaço, utiliza-se normalmente um programa de blog³. De qualquer forma, o blog/programa não é condição necessária, pois o blog/espaço e blog/texto podem ser construídos através de recursos convencionais para a publicação de sites (HTML, PHP, MySQL, FTP, etc.). Atualmente, nem um computador pessoal é necessário para ler ou escrever um blog. (ênfase do autor)

Contextualizando um pouco mais o que Primo e Smaniotto situam, o programa de Blog é o *software* que hospeda os blogs

²⁸ Disponível em <http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/insanus.pdf> acesso em 09/09/2010

disponibilizando-os no ciberespaço em formato de textos (posts) dispostos na ordem cronológica inversa. Em seu blog, Primo cita alguns exemplos para que possamos melhor entender o que é blog: “as três acepções do termo blog: a) como programa: 'Parei de usar o Blogger. Instalei o *Movable Type*'; b) como espaço: 'Não encontrei teu blog no Google. Qual o endereço dele?'; c) como texto: 'Li ontem teu blog'". (PRIMO, 2008, *on-line*)

O blog que conhecemos hoje é uma evolução dos primeiros diários *on-line*, divulgados por Jorn Bagger. Começou como uma diversão de jovens aficionados à internet que aos poucos foram aprendendo as linguagens e incorporando-as aos sítios. Mesmo não tendo grandes conhecimentos técnicos, esses jovens compartilhavam o que aprendiam de códigos HTML, crescendo assim o interesse de outros usuários. (AMARANTE, 2005). Hoje em dia está muito mais aperfeiçoado, contudo a revolução causada por ele é que motiva os estudos em torno da cibercultura. Porém, há muito ainda a ser investigado sobre o papel das mídias sociais de internet como o Blog e “em termos da linguagem e da constituição do sujeito sob as condições de produção das tecnologias digitais”. (KOMESU, 2005, p. 110). Afinal, se identifica um blog por sua linguagem ou por seu *software* (recursos incluídos)? O professor de comunicação José Luis Orihuela, em entrevista publicada em *Librodenotas.com*, define *blog* de maneira simplista, e que de certa forma chama a atenção para a questão do discurso e conteúdo apresentado pelo blog:

Los weblogs son un sistema de publicación en línea articulado cronológicamente en el que se recogen (a modo de diario) enlaces, noticias y opiniones de autoría mayoritariamente individual con un estilo informal y subjetivo. (2003, *on-line*)²⁹

²⁹ Tradução minha: “Os Weblogs são um sistema de publicação *on-line* articulado cronologicamente (à maneira de um diário no qual apresentam *links*), notícias e opiniões de autoria majoritariamente individual com um estilo informal e subjetivo”.

Ao longo das gerações de internet³⁰, o blog foi não só se consolidando como também foi se adaptando às necessidades dos usuários, os blogueiros, e no avanço dos seus serviços. Assim, hoje em dia o blog não pode ser mais definido como uma simples página pessoal cujos conteúdos podemos lançá-lo cronologicamente. Até porque devido às funções da ferramenta e às habilidades do *blogueiro*, a questão da cronologia é, por exemplo, manipulável, ou seja, depende do objetivo que o blogueiro deseja passar. As escolhas do usuário, portanto, condizem com a nova cultura cujas palavras-chave são *colaboração*, *interação* e *produção* tanto com a mídia como com outros usuários.

A literatura da área tem mostrado que um significativo número de produções científicas ligadas ao fenômeno blog em diferentes áreas do conhecimento e que em todas elas, as definições e características do blog coincidem em sua maioria. Na literatura, de maneira aprofundada ou panorâmica, constata-se que o Blog contempla a liberdade de expressão conquistada pelos usuários de internet e permite que as informações não pertençam a um único domínio ou dominador. Com isso, instauram-se outras formas de saber, de interagir com ele, já que antigos veículos de comunicação, como a mídia impressa, não contemplavam a interação participativa e autoria dessa participação assim como o blog promoveu.

A partir de sua notada repercussão e popularização, o blog auxiliou na mudança de práticas sociais na internet dando ênfase a um maior compartilhamento de informações, outras linguagens midiáticas e a criação de um novo gênero digital por suas práticas de escrita na internet, ou seja, “o papel da linguagem na internet e o efeito da internet na linguagem”. (CRYSTAL *apud* Komesu, 2005). Daí então a importância de ser estudado enquanto fenômeno cultural na atual realidade. Segundo um dos primeiros jornalistas a usar blog, Hugh Hewitt (2007) diz que por conta disso velhos hábitos deixaram de ser

³⁰ Conforme visto, o blog já é uma ferramenta consolidada na internet que passou da transição da web 1.0 (analogica), para a web 2.0 (digital) e segue rumo à nova geração de internet a chamada Web 3.0 (Semântica). Web 1.0 e 2.0 foi inicialmente empregado por Tim O'Reilly. Disponível em: <<http://oreilly.com/web2/archive/what-is-web-20.html>>.

usados, “primeiro os noticiários a cabo, depois as versões on-line da velha mídia, e agora os Blogs no espaço de poucos. Cada um desses veículos se chocou contra hábitos consolidados, a cada vez libertando milhões de leitores e telespectadores”. (p.16)

Um exemplo prático foi o que aconteceu na área da Comunicação, especificamente no âmbito jornalístico, cujos interesses comunicacionais e políticos eram diferentes dos jovens aficionados, iniciadores desse fenômeno. Hugh Hewitt exemplifica um pouco mais essa revolução do blog a partir do contexto norte-americano, onde ressalta que os “blogs levantaram grandes quantias para candidatos, mudaram o perfil da participação política do cidadão e alteraram o rumo da eleição presidencial em 2004”. (HEWIIT, 2007, p, 9-10)

Sáez Vacas (2005) e Blood (*apud* Sáez Vacas, 2005) fazem uma ressalva ao relacionar diretamente o blog com o jornalismo e as áreas afins da comunicação social. Um não depende do outro, porém um ajuda a repercutir o outro. É certo que hoje em dia encontramos mais jornalistas blogueiros se relacionarmos à época desses dois autores, porém a associação que se faz é inevitável em certos contextos e por sua história. Porém, há que enfatizar que o caráter investigativo e opinativo que determina um jornal não é o mesmo aplicado ao blog. Isso se aplica também a outras áreas do conhecimento cuja repercussão cresce com essa ferramenta da internet. Na educação, por exemplo e que nos interessa enfocar, há práticas pedagógicas que usam o blog; no entanto, não necessariamente ele deve estar vinculado a discussões sobre informática educativa, tecnologias na educação ou letramento digital.

De acordo com algumas pesquisas, o uso de blog vem crescendo desde 2005. Destaco, entretanto, que outras pesquisas já veem com certa cautela esse crescimento em conformidade com os fatos da cibercultura. Sobre o crescimento dos blogs, os dados realizados na pesquisa de mestrado de Cláudia Colla de Amorim mostram que:

O portal de Pesquisa Technorati³¹, em abril de 2007, publicou que o número de blogs criados mundialmente ultrapassa setenta milhões, sendo que cento e vinte mil blogs são criados a cada dia. Em outubro de 2004, apenas quatro milhões estavam indexados pelo portal, e uma média de doze mil blogs eram criados a cada minuto. Entre 2002 e 2007, um blog foi criado a cada segundo. (AMORIM, 2008, p. 24)

Os mesmos dados são apontados por Schnöninger (2010) que, além desses, traz em sua pesquisa de mestrado que “37% dos blogs estão escritos na língua japonesa, em segundo lugar vem a língua inglesa com 33% e o português está entre as 10 línguas mais utilizadas”. (p. 48).

Se compararmos os dados trazidos nas pesquisas de 2009³², constatamos o registro de 126 milhões de blogs criados e no momento atual a esta pesquisa, o diretório Blog Pulse³³ identifica 146.363,683 milhões de blogs, conforme se observa na figura 1:

³¹ É um portal norte-americano que indexa blogs do mundo, acompanhando quantitativa e qualitativamente a evolução desses blogs. Anualmente, se faz um relatório de como estão se comportando os blogs e os blogueiros a partir dos mais distintos aspectos (negócios, notícias, tecnologia, política, interesses pessoais, etc.). Em 2009 publicaram o relatório em quatro partes mais a introdução, sendo a última parte incluindo o impacto do fenômeno *twitter* e outras mídias sociais. Disponível em: <http://technorati.com/blogging/article/state-of-the-blogsphere-2009-introduction/> acessado em agosto de 2010. Aponto as dissertações e autores citados por não encontrar o endereço correto da pesquisa desse portal.

³² No site <http://royal.pingdom.com/2010/01/22/internet-2009-in-numbers/> foi divulgado um levantamento de como andava a internet em números no ano de 2009. Ali registrou-se que das mídias sociais 126 milhões era o número de blogs. O registro foi tirado do Blog Pulse, outro diretório de monitoramento da blogosfera.

³³ Consulta disponível em: <http://www.blogpulse.com/>



Figura 1. Estatística de blogs no mundo acessado em 13/09/2010. A critério de comparação, em 21/07/2010 esse número era de 143,496,491 tendo em torno de 56 blogs criados nas últimas 24h desse dia.

O blog, portanto, não é novidade se compararmos a outras ferramentas de interação digital como as redes sociais e os microblogs. No entanto, pode-se dizer que os recursos midiáticos implementados nos blogs têm sido novidade nos últimos anos. A título de ilustração posso citar os vídeos com códigos HTML trazidos de serviços de transmissão de vídeo, textos, imagens, sons que podem ser incorporados no corpo dos *posts*, acesso imediato a sistema de busca de *sites*, visualização estimulada para outros *links*, comentários e visualização dos usuários conforme determina o autor do blog, seguidores desses blogs. Todas essas contribuições hipermediáticas favoreceram ao que conhecemos como hipertexto, ou seja, a formas não lineares de organização do texto. O hipertexto é mais facilitado nos blogs atuais estimulando as conexões sociais entre os blogueiros e dando uma interatividade³⁴ e dinamismo maior ao que eram anteriormente.

³⁴ Entendo interatividade como interação, a comunicação colaborativa entre emissor e receptor, como troca.

Dessa forma, trago uma definição mais reforçada de Fumero (2005), retirada do Blog Herald³⁵,

Un blog es una jerarquía de texto, imágenes, objetos multimedia y datos, ordenados cronológicamente, soportados por un sistema de distribución de contenidos capaz de proporcionar (al autor) la funcionalidad necesaria para distribuir esos contenidos con cierta frecuencia, exigiéndole unas capacidades técnicas mínimas, y que puede facilitar la construcción de conexiones sociales significativas o comunidades virtuales alrededor de cualquier tema de interés.³⁶

Para ressaltar a sua importância, há portais que premiam os blogs por sua temática, popularidade, representação e audiência. Esses *sites* comportam uma listagem importante, como um repositório de *links*, para consultas e estimula a manutenção dos blogs. Alguns desses *sites* motivam a participação de distintas entidades e pessoas (empresas, escolas, instituições públicas, jornais) a manter a qualidade do conteúdo e a interação entre elas. Dentre esses podemos destacar o Portal dos Blogs³⁷, Top Blogs³⁸ entre outros, e na Espanha temos o Bitacoras Punto Com³⁹.

2.4.1 Características dos Blogs

³⁵ Ver em <http://www.blogherald.com/>

³⁶ Tradução minha: “Um blog é uma hierarquia de texto, imagens objetos multimídia e dados, ordenados cronologicamente, suportados por um sistema de distribuição de conteúdos capaz de proporcionar (ao autor) a funcionalidade necessária para distribuir esses conteúdos com certa frequência, exigindo-lhe capacidades técnicas mínimas, e que pode facilitar a construção de conexões sociais significativas ou comunidades virtuais em torno de qualquer tema de interesse”.

³⁷ Ver em: <http://www.portaldosblogs.com.br/v3/>

³⁸ Ver em: <http://www.topblog.com.br/2010/>

³⁹ Ver em: <http://bitacoras.com/>

As principais características dos *blogs* não mudam. Autores coincidem que enquanto recurso de internet ele se apresenta como uma página cujos textos são dispostos cronologicamente do mais novo para o mais antigo. Esses textos são chamados *posts*, e dependem do conteúdo a ser determinado pelo blogueiro, entendido como o leitor e escritor de blog. Eles podem ter tom formal ou informal ainda que a característica dessa ferramenta seja informal.

Na interface do blog é possível identificar alguns elementos como o perfil do autor(es) do blog, os *links* com temas semelhantes e conexões com outros textos, a caixa de comentários onde os leitores de blogs deixam os chamados *Comments* e os *Tags*, que são recursos adicionais de textos imagens e sons usados para enriquecer as informações dos blogs, dentre eles podemos destacar caixa de visitas, mapas, *link* para o microblogs e redes sociais, fóruns, *chats*, notícias, entre outros. Se formos comparar, essas são as características estruturais que não sofrem grandes alterações mesmo que mudemos os serviços de hospedagem de blogs. O que pode alterar são as ferramentas interativas nele inseridas e determinadas pelo blogueiro assim como os objetivos traçados por ele.

Além da interface, outra característica é a participação efetiva das pessoas. Como veículo de comunicação o blog é interativo, compartilha ideias entre os usuários interagindo com eles assim como qualquer mídia social já mencionada anteriormente. No blog fazemos amigos, escrevemos sobre assuntos que nos interessam, comentamos sobre as notícias lidas na internet, relatamos fatos cotidianos como forma de desabafo, buscamos a opinião de outras pessoas ou até para se tornar conhecido na web (AMARANTE, 2005). Porém, essa participação efetiva por vezes não é conquistada, fato que leva a encontrarmos muitos blogs abandonados.

A característica mais evidente dos blogs é seu caráter hipertextual. Por permitir outros gêneros textuais em sua interface, ele contém *hiperlinks* que levam a outros textos propondo o que Estalella (2005) chama de “hierarquia da visibilidade”. Nessa hierarquia, a

blogosfera não tem limite. É um espaço aberto em que as práticas dos blogueiros fazem com que haja uma participação livre e hierarquizada segundo o reconhecimento social, onde cada um deseja a ser visto e compartilhar os mais inesperados conteúdos intelectuais. É desejo de ser lido, escutado, referenciado e seguido por outros bloqueiros de igual interesse. Nessa dinâmica de escritura referencial, os blogs se tornam conhecidos, “generando de esta forma la arquitectura de la blogosfera, de la cual emerge una jerarquía de visibilidad que hace más visible aquello más relevante y funciona como un sistema de filtrado colaborativo de la información”.(online)

2.4.2 Categorizações e tipologias

Podemos encontrar diferentes categorias de blogs por seu objetivo. Recuero (2003) dá algumas características de blogs:

- a) **Weblogs Diários** – relatam fatos do cotidiano e da vida pessoal do autor de blog. Podem trazer notícias, porém esse não é o enfoque;
- b) **Weblogs Publicações** – trazem informação de modo opinativo, muitas delas discutidas e comentadas pelo autor.
- c) **Weblogs Literários** – trazem narrativas de história ficcional ou uma compilação de produções literárias. Pode trazer personagens criados pelo autor;
- d) **Weblogs Clippings** – reúnem links ou recortes de outras publicações com o objetivo de filtrar, condensar a informação publicada em outros lugares. Acaba sendo algo temático uma vez que há uma seleção prévia;
- e) **Weblogs Mistos** – trazem tanto conteúdos pessoais da vida do autor quanto informações comum a todos como notícias, informativos etc. (RECUERO, 2003).

Primo (2008, *on-line*)⁴⁰ alerta que designar “misto” ou “outros” ao inferir uma tipificação de blogs poderia abranger muitas temáticas. Contudo, o pesquisador também acrescenta que fazer uma análise minuciosa é bem-vinda, porém não de todo suficiente:

Outro direcionamento comum é propor uma categorização por temáticas: blogs jornalísticos, políticos, educacionais, etc. Ainda que seja

⁴⁰ Ver em http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/50_blogs.pdf

importante observar-se a tematização principal de um blog, tal procedimento não é suficiente para analisar-se com profundidade o fenômeno do *blogar* em sua complexidade⁴¹.

Alguns outros estudiosos, por sua vez, buscam categorizar blogs em como é apresentado o conteúdo a partir de critérios de como ele se apresenta e do que mais predomina. Criam-se, a partir daí, listas extensas e semelhantes. Como exemplo, apresento as categorias propostas por José Luiz Orihuela em seu blog conforme mostra o quadro 1:

Audioblogs	Blog com áudios nas postagens com foco neles
Babyblogs	Blogs sobre filhos, publicado geralmente pelos pais. Exemplo: http://www.topbabyblogs.com/topblogs/pages/index.html
Bblogs	Blogs corporativos
Biblioblogs	Blogs de estudos bíblicos
Blogfarms	Blogs de redes de comércio
Edublogs	Blogs como ferramenta docente
Fotolog	Blogs para postagens e compartilhamento de fotografias
J-log	Blogs jornalísticos
Videolog	Blogs para postagem e compartilhamento de vídeos

Quadro 1. Algumas categorias de blogs proposta pelo comunicador Orihuela.

Fonte: Blog de Orihuela. Disponível em: <www.quadernsdigitals.net>.

⁴¹ Diante do problema de tipificação comumente encontrado na literatura sobre Blogs, Alex Primo (2008) propõe um novo modelo de tipificação de blogs com o intuito de diferenciá-los, tomando como base o gênero do discurso segundo Bakhtin (que para ele são “tipos relativamente estáveis de enunciados” (Bakhtin, 2005, p. 279)). Assim, uma matriz foi desenvolvida, e com ela foram propostos 16 gêneros de Blogs a partir do cruzamento de características dos blogs. Com isso, Primo contesta sobre a visão de “diários online” que se tem do *Blog* e tomando como base o conceito de gêneros de Bakhtin sugere outras categorias de exploração do Blog a partir de cruzamento das quatro categorias estabelecidas por abas na vertical (profissional, pessoal, grupal e organizacional) e na horizontal (reflexão, informativo, informativo interno e auto-reflexivo). Ver em http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/50_blogs.pdf

O quadro acima traz alguns dos 40 tipos de blogs propostos por Orihuela. O propósito do blog é o que diferencia um do outro.

Há blogs com categorizações próprias pelo tema, como é o caso do “Blog temático”⁴² que se dedica exclusivamente a listar blogs por temas. Há blogs que se chamam “temáticos”⁴³, porém seu objetivo é falar sobre um tema (ou assunto) diferente a cada *post*. Vale ressaltar que os blogueiros (tanto autores quanto leitores) categorizam os blogs como forma de entendê-los e organizá-los, de determinar um público-alvo e de localizar blogs que antes tinham tão somente a categoria de diários pessoais e não pessoais. Em minha pesquisa, atendo-me ao blog no âmbito educacional, em particular blogs de Espanhol Língua Estrangeira (ELE), que tem especificidades.

Nem sempre o conteúdo apresentado pelo blog tem objetivos educacionais. Conforme tento identificar, alguns deles se restringem a falar sobre educação, ou ter *post* com temas educacionais, mas não estão preocupados com os processos que envolvem o ato de aprender e ensinar. A relação entre blog e educação rendeu frutos e hoje temos um vasto número de blogs que são usados como recurso pedagógico e estratégia pedagógica, ou que são utilizados para divulgar a instituição de ensino, os projetos, ou como ferramenta para falar sobre educação, ou como repositórios de planos de aula e, além disso, que são usados para comunicar professores, alunos e outros agentes envolvidos.

Por permitir uma ampla possibilidade de funções, é conveniente definir e categorizar Edublog, blog educacional ou blog pedagógico com o intuito de verificar o que são e como são esses tipos de blogs. Esse tema será tratado no próximo subitem.

⁴² É o caso do Blog Temático que em cada *post* é determinado um tema diferente. Disponível em: <http://www.blogtematico.blogger.com.br/>. Acesso em: 09 set. 2010.

⁴³ Citando como exemplo o <http://www.blogstematicos.es/>

2.5 POR UMA RELAÇÃO ENTRE BLOGS E EDUCAÇÃO...

A categoria escolhida para essa pesquisa entende uma relação estreita entre blogs e educação. No entanto, como nomeá-lo? Que relação poderia ser essa?

No que se refere ao nome, encontrei na literatura algumas possibilidades como **blog educativo**, **blog educacional**, **blog pedagógico** e **edublog**. O certo é que todas essas nomeações relacionam as possibilidades do uso dos blogs em contexto educativo. Uso neste trabalho o nome Edublog, pela praticidade da junção das palavras *Education/educación/Educação* e *Blog* (LARA, 2005). A meu ver, as nomeações existentes são sinônimas e podemos usá-las, porventura, indistintamente. Vale ressaltar que quando faço referência à mídia de forma generalizada, uso o termo *blog* e quando relaciono com atividades, situações, ambientes, ensino-aprendizagem com a educação posso correlacionar com os termos pedagógico, educativo ou educacional sem pretensão de diferenciá-los.

O Edublog, segundo Orihuela (2007)⁴⁴, é uma ferramenta de docência, aprendizagem e investigação. Nas suas palavras, “son *blogs* dedicados a la educación, tanto temática como instrumentalmente, es decir, de apoyo a la enseñanza presencial en diferentes disciplinas”. (*online*)⁴⁵. Nesse sentido, o Edublog é entendido como ferramenta, um recurso de apoio ao ensino e à aprendizagem. É visto como um espaço de compartilhamento da informação, de interação com os sujeitos e como um canal de comunicação, colaboração e trocas informacionais. Sobre a importância do blog, Salina e Viticioli (2009) argumentam:

Los blogs se presentan como una herramienta muy útil y valiosa para la configuración de un aula virtualizada. Su excelente usabilidad, unida a su ductilidad para convertirse en soporte de distintas

⁴⁴ Comentário em entrevista realizada em um site. Disponível em:

<http://www.lacaseabierta.net/2007/02/19/jose-luis-orihuela-y-sus-blogs-de-aula/#more-54>

⁴⁵ Tradução minha: “São blogs dedicados à educação, tanto temática quanto instrumentalmente, ou seja, de apoio ao ensino presencial em diferentes disciplinas”.

propostas metodológicas, los convierte en un instrumento sumamente apropiado para su integración en la docencia presencial. El uso de blogs contribuye a enriquecer y potenciar la enseñanza ofrecida en el aula física en muchos aspectos. En primer lugar, su utilización permite ampliar los límites espacio-temporales del aula presencial, ya que los procesos de enseñanza-aprendizaje pueden extenderse más allá de su ámbito físico y fuera del horario asignado para el dictado de la asignatura⁴⁶. (SALINA; VITICOLI, p. 5)

A complementaridade que existe na relação entre blog e educação é amplamente debatida na literatura. Verifica-se que a diferença entre a categoria *Edublog* e um *blog* comum é o fato de haver mediação docente tanto no sentido de motivar alunos e professores para o uso do blog, desenvolvendo suas competências culturais e midiáticas e disponibilizar conteúdos, como para ser um ambiente para a validação das atividades docentes.

Por conta disso, por ser considerado como um meio comunicacional na educação, algumas propostas teóricas são confrontadas no que se refere à aplicabilidade, uso e gestão dos blogs na educação. Para alguns educadores, blogs são simplesmente meios comunicacionais na internet que podem ser utilizados nas práticas pedagógicas desde que sejam pensados como complementação de conteúdos, e não como meio principal de se construir o conhecimento na cibercultura. Com essa maneira de enxergá-lo, com enfoque na desvantagem, o Edublog é visto com desconfiança.

⁴⁶ Tradução minha: “Os blogs se apresentam como uma ferramenta muito útil e valiosa para a configuração de uma aula virtualizada. Sua excelente usabilidade, unida a sua ductilidade para converter-se em suporte de distintas propostas metodológicas, converte-os em um instrumento sumamente apropriado para sua integração na docência presencial. O uso de blogs contribui para enriquecer e potencializar o ensino oferecido na sala de aula em muitos aspectos. Em primeiro lugar, sua utilização permite ampliar os limites espaço-temporais da aula presencial, já que os processos de ensino-aprendizagem podem estender-se além de se âmbito físico e fora do horário estipulado para se ministrar a disciplina”.

O professor Jarbas N. Barato comenta em entrevista em seu blog Boteco Escola⁴⁷,

Os blogs não são ferramentas pedagógicas, nem podem ser transformados nisso. Eles são ferramentas de comunicação. Quando se tenta converter instrumentos de comunicação em ferramentas pedagógicas, o que geralmente acontece é o empobrecimento de algo que não é bem entendido. Sempre temo a ânsia dos educadores que querem usar novos meios de comunicação humana sem entendê-los muito bem. Isso pode acontecer com os blogs. Acho que em primeiro lugar é preciso ter uma boa visão do que são blogs no campo da comunicação humana. A partir disso, a gente pode conversar sobre possíveis ganhos educacionais em usos de tal alternativa de comunicação em nosso mundo. Pesquisas ressaltam que os blogs são sobretudo locais de encontro onde se pode conversar com liberdade, sem imposições, com muita espontaneidade, dizendo a própria palavra. Essa característica dos diários eletrônicos não é evidente. Ela só é percebida quando examinamos, no tempo, o desenvolvimento de blogs de sucesso. Os autores que mostram a importância dos blogs como um local de encontros humanos significativos costumam comparar essa forma de comunicação do ciberespaço com a antiga praça pública (ágora) das cidades gregas. (BARATO, 2008, *on-line*)

Barato ressalta que o que define melhor o funcionamento de um weblog é o verbo *conversar*, ou seja, a comunicação, e que não convém pedagogizá-los, convertendo-os numa ferramenta para “passar” conteúdos previamente estruturados. À parte, critica que muitos *blogs de educação* se transformaram em ferramentas de controle docentes, não respeitando e empobrecendo essa liberdade de expressão que originalmente ele traz. Não permitindo a criatividade, o entender a ideia do outro e tampouco sua cultura. É uma interatividade “controlada”,

⁴⁷ Blog Boteco na Escola. Disponível em: <http://jarbas.wordpress.com/7-blogs-e-educacao-uma-entrevista/>. Acesso em: 31 out. 2008.

pois o mediador acaba não mediando, e sim controlando o conteúdo publicado. Termina dizendo que os professores antes de tudo devem navegar pela *edublogosfera*⁴⁸ para conhecerem criações, e avaliarem o perigo de pedagogizar os blogs. Entendo que o professor Barato questiona é a competência midiática do professor blogueiro e o fato de tornar a mídia mais inteligível. Este deve entender a mídia para compreender a função dela no mundo e contribuir para que os alunos a entendam. Porém, embora tenhamos entendido a mídia, em suas vantagens e desvantagens é conveniente sim pensá-la além da comunicação, uma vez que se encontra no contexto educativo.

Conforme observado, os blogs têm pontos positivos e negativos e, conseqüentemente, os Edublogs também o terão. Entre outras desvantagens da ferramenta, apontada comumente por docentes, é o fato de encontrá-la “desabitada” na internet. Isso porque o desinteresse do blogueiro pelas temáticas não possibilitam a sua continuidade. Outro fator que argumentam os professores é o fato de esses edublogs repetirem ideias, no sentido de haver cópias e sem nenhum tratamento do conteúdo apresentado. De fato, como não há legislação e, como se lida com conteúdo compartilhado, as informações também serão compartilhadas. Porém, o que falta é o bom senso dos blogueiros em respeitar o código de ética estabelecido entre aos internautas. Outra desvantagem é que a interatividade na comunicação por Edublogs não é tão explorada quanto se deveria. Com as múltiplas possibilidades dessa ferramenta, eles passaram a ser mais uma página de internet, somente com conteúdos, mas sem interação entre os sujeitos. No entanto, assim como em um material impresso, a interação pode acontecer por muitas maneiras. O texto, por exemplo, pode ser uma forma de interação, pois os *blogueiros* (autores e leitores) publicam uma infinidade de temas de seus gostos e interesses, conhecimento, opiniões e críticas. Difere, por outro lado, da resposta do leitor para o autor, que pode acontecer através de recados ou contatos maiores.

⁴⁸ Comunidade de blogs educativos no ciberespaço.

Dentre algumas das vantagens, enfatiza-se mais uma vez o incentivo da autoria, do coletivo, da expressão pessoal, do pensamento crítico e da capacidade argumentativa. Incentiva também o aprendizado extraclasse e as relações com as comunidades locais dentro e fora da escola. Potencializa outras relações mais íntimas e a interação entre as pessoas. No Edublog o escritor escreve ainda que intuitivamente para publicar seus textos, expressar suas ideias, convencer, ter voz ativa diante do mundo. Ele escreve para um leitor de modo que este interaja com as pessoas.

Sobre os tipos de Edublogs, Torres Ríos (2006, p. 41-42) argumenta que é algo bastante complexo e abstrato porque depende dos objetivos curriculares específicos e os subjacentes no entorno educacional embora, em linhas gerais, parece haver acordo na hora de diferenciar os tipos de Edublogs.

Para sistematizar as características dos *Edublogs*, Felipe Zayas (2005, *on-line*)⁴⁹ fez um mapa conceitual. Neste mapa, o ponto de partida é o Edublog. Separa-o em blog de alunos e blog de professor. A partir disso, delimita a função, o formato e as atividades que se faz nele.

⁴⁹ Disponível em: http://fzayas.com/cmmaps/blogs_aula/blogs_aula.html. O mesmo mapa pode ser encontrado na dissertação de Lola Torres Ríos (2006) e Bibiana Jou (2009) cujas referências se encontram ao final.

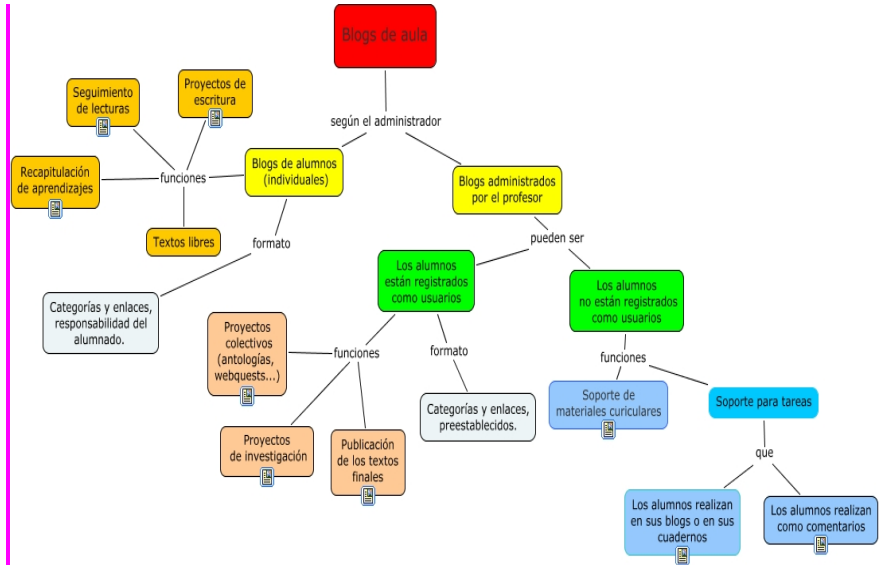


Figura 2. Mapa conceitual de Felipe de Zayas (2005) sobre o uso educativo dos blogs.

Já na sistematização de Haro (2007)⁵⁰, há algumas respostas a partir das perguntas sobre *Edublog*: para que serve e quem o faz. Assim, na interpretação desse mapa conceitual, Haro responde que os blogs são ferramentas usadas com fins educativos em entornos de aprendizagem. Classifica-os também segundo sua finalidade (gestão de material, gestão de projetos individuais de alunos, gestão de projetos coletivos de alunos), seu conteúdo (se é informação para o aluno, para um centro de estudo, para o desenvolvimento de atividades individuais, para o desenvolvimento de atividades colaborativas) e, por último, seus autores sinalizando quem os elabora. Na interpretação desse mapa, Jou (2010) afirma que “el blog de aula hace referencia al blog no colaborativo gestionado por el profesor y cuya función principal es la de punto de información para los alumnos”⁵¹. (p. 20) e complementa “así pues, el blog de aula será solo una de las muchas formas que podrá tomar el blog

⁵⁰ Disponível em: < <http://jjdeharo.blogspot.com/2007/08/tipos-de-edublog.html> >.

⁵¹ Tradução minha: “O blog de aula faz referência ao blog não colaborativo administrado pelo professor e cuja função principal é a de ponto de informação para alunos.”

cuando hablemos de los usos de los blogs en un contexto educativo”⁵².
(p. 21)

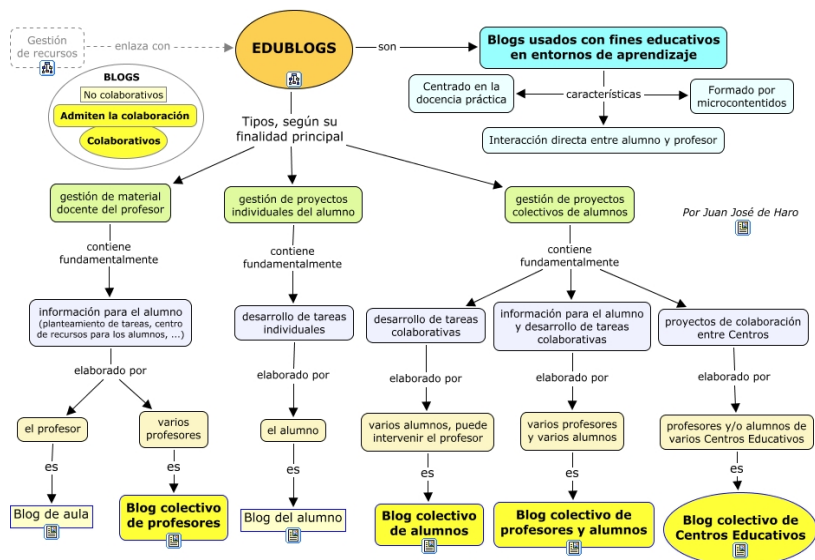


Figura 3. Mapa conceptual de Haro (2007).

Se o edublog é interpretado estrutural e de várias formas, como fica então a questão educativa? O fato de envolver discentes, docentes e um conteúdo o torna pedagógico? Que elementos o caracterizam ou podem caracterizá-los para constituí-lo como edublog educativo? Com as especificidades da língua estrangeira é pertinente refletir também sobre tais aspectos a serem considerados na concepção de um edublog. Conforme visto, os autores categorizam e organizam os tipos de edublogs conforme observam as suas vantagens, funcionalidades e público-alvo. Não há ao certo uma característica plena sobre o edublog de E.L.E. É através do que é e para que servem que os edublogs são definidos. Torres Rios (2006) também faz importante contribuição ao

⁵² Tradução minha: “assim, portanto, o blog de aula será somente uma das muitas formas que um blog poderá tomar quando falamos dos usos dos blogs em um contexto educativo.”

sistematizar os edublogs existentes, observando-os quanto a sua função. Aqui eu traduzo e resumo:

- Acadêmicos ou de pesquisa educativa: normalmente têm interesses comuns, pois pertencem a um mesmo centro de ensino. Podem ser agrupados os blogs de docência entre educadores que desejam debater e compartilhar experiências com outros professores;
- Professor-aluno: dependendo do foco, há uma forma de usá-lo, segundo Lola Torres Rios. Uma das mais utilizadas é para dirigir o processo de aprendizagem onde se publica geralmente conteúdos relacionados às matérias que estão sendo trabalhadas pelo aluno. Nessa modalidade, o professor pode incluir trabalhos escolares feitos em sala de aula, propor atividades fora da sala de aula (como *webquest*), disponibilizar material complementar para ampliar a informação e dar orientações de estudo. Os alunos podem também debater os assuntos comentando nos espaços apropriados. Desse modo, o professor pode receber essas informações dos alunos como se fosse um *feedback*. Nesse sentido, complementa a autora, o papel do professor muda segundo o tipo de edublog. Assim, pode haver as situações em que o professor se limite a oferecer orientações e facilitar conteúdo digital, ou proponha debates sobre novos temas não tratados nos programas ainda que estejam relacionados com eles, ou que os alunos resolvam problemas propostos pelo professor o/ou desenvolvam trabalhos colaborativos em pequenos grupos. Isso vai depender se o edublog é restrito para que somente o professor escreve ou se é aberto para os alunos escreverem os artigos (ou *posts*). Depende da mediação.
- Edublogs grupais ou aluno-aluno: Dentro dessa estrutura o trabalho em edublogs pode ser colaborativo ou de trabalho em grupo formando assim uma rede de debates e reflexão crítica entre os próprios alunos. A participação dos alunos é maior enquanto que a de docentes é pontual. Este tipo de direção (alunos-alunos) promove a interação proporcionada pela Web 2.0 porque o aluno faz também produção desse edublog.

Destaco ainda outros aspectos que devem ser observados como possíveis características dos edublogs. Elenco a seguir alguns desses

aspectos, segundo Richardson (2006) citado por Marinho (2007, p. 2), e partir da complementação de Torres Rios (2006):

- Um portal de aula onde seja um ambiente comunicativo entre a comunidade escolar e a escola. A comunidade escolar pode encontrar nesse espaço informações pertinentes ao contexto educacional;
- Trata-se de uma ferramenta construtivista de aprendizagem. Portanto, é importante que o docente não seja o principal detentor do edublog⁵³;
- Um lugar de colaboração e reflexão onde a todos possam escrever e colaborar;
- Possibilita uma audiência potencial para o blog, que ultrapassa os limites da escola, permitindo que aquilo que os alunos produzam de relevante vá muito além da sala de aula;
- É um repositório em que os arquivos da aprendizagem que alunos e professores podem construir junto, como portefólios ou cadernos digitais podem ser acessíveis a toda a comunidade;
- É uma ferramenta democrática que suporta vários estilos de escrita e
- Podem favorecer o desenvolvimento da competência em determinados tópicos quando os alunos focam leitura e escrita num tema.

Assim como Gomes (2005), a minha abordagem aponta “no sentido das possibilidades de exploração dos blogs quer como ‘recurso’ quer como ‘estratégia’ pedagógica” (p. 311) entendendo-os assim como um meio de ensino, ou seja, como recursos, materiais de apoio e espaços para ações educativas, e bem como uma abordagem, um conjunto de atividades e operações mentais que auxiliam a se alcançar um objetivo.

⁵³ Na dissertação de Cláudia Rodrigues, intitulada “O uso de blogs como estratégia motivadora para o ensino de escrita na escola” foi detectado que os alunos do ensino médio não participavam das atividades em um determinado edublog porque este fora feito pela professora com conteúdos conceituais, factuais, procedimentais, atitudinais e desenho da ferramenta elaborado por ela mesma. Em um questionário realizado com os alunos, constatou-se que eles não participavam porque viam o edublog como extensão da professora, somente com sua opinião (voz) e sem negociação desses mesmos conteúdos.

Com relação ao uso pedagógico ou finalidade, Gomes (2005) divide o *Blog* enquanto:

<i>Recurso pedagógico</i>	<i>Estratégia pedagógica</i>
<ul style="list-style-type: none"> * Exemplos concretos documentados da pesquisa; * um espaço de acesso à informação especializada (Pesquisa); * um espaço de disponibilização de informação por parte do professor (repositório); * Um espaço de partilha entre professores ou escolas; * Espaço comum entre a escola e a sua comunidade; * Espaço de publicação; * interatividade 	<ul style="list-style-type: none"> * Propostas de exploração que venha a ser fruto do cotidiano escolar; * construção de um portfólio digital; * um espaço de intercâmbio e colaboração (interação); * Um espaço de debate (<i>role playing</i>); * um espaço de integração (cultural, identidade).

Quadro 2 – Edublog enquanto recurso e enquanto estratégia pedagógica

Fonte: Gomes (2005)

Embora Santos (2008) considere recurso e estratégia pedagógica a partir de blogfólios (portfólios digitais), corroboro com as mesmas explicações em torno dessa divisão:

Quando nos referimos ao portfólio digital como um recurso pedagógico pretendemos realçar a sua utilização como um espaço virtual onde os aprendentes recorrem para terem acesso a informações especializadas e informativas disponibilizadas pelo professor, ou para depositarem trabalhos requeridos pelo professor. O portfólio digital como um recurso pedagógico favorece a troca e a partilha de informações entre professores e aprendentes a qualquer altura, mesmo estando fora dos muros da escola. Para, além disso, permite ao professor organizar melhor as informações e partilhá-las com os aprendentes,

deixando de ser o único detentor de toda a informação, para os aprendentes passarem a estar mais por dentro das informações, e isso lhes permitir assumir o papel activo que lhes é requerido.

O portefólio digital como uma estratégia pedagógica significa utilizá-lo como pretexto para, desde já, motivar e implicar os aprendentes na sua aprendizagem, e ajudá-los a assumir o tal papel activo e autónomo na construção da sua aprendizagem. Significa ainda utilizá-lo como pretexto para os aprendentes adquirirem competências, desde já, na utilização das TIC, através da construção de artefactos de aprendizagem, de pesquisa e de comunicação; para desenvolverem a capacidade reflexiva através da reflexão sobre os seus trabalhos e sobre a sua aprendizagem; para desenvolverem a sua autonomia e auto-estima; e para desenvolverem o espírito de cooperação e colaboração entre os colegas, sem gerar conflitos. (SANTOS, 2008, p. 31-32)

A meu ver, essa mesma relação entre recurso e estratégia de edublog interpretada por Santos, pode ser aplicadas a edublogs e associada às concepções de meio de ensino na metodologia didáctica e de mídia-educação. É sobre os meios de ensino e o ensino da língua espanhola que abordarei nas próximas páginas.

3 O ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E O CIBERESPAÇO HISPÂNICO

Este capítulo traz a reflexão teórica sobre o ensino de língua estrangeira mediado pelas novas tecnologias, mais especificamente sobre os meios de ensino. Para tanto, inicio a reflexão localizando o ensino-aprendizagem de espanhol no cenário atual. Explicito brevemente o que vem a ser estratégia e o que vem a ser recurso pedagógico, fazendo posteriormente, a interpretação para a cibercultura e ciberespaço hispânicos.

3.1 O CENÁRIO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA E DE ENSINO-APRENDIZAGEM

A necessidade que o homem tem de comunicar-se com o mundo a sua volta tornou a linguagem humana muito mais expressiva e complexa ao longo de sua trajetória. Em sua história, o homem criou múltiplas linguagens com o intuito de exprimir um sentimento, adquirir um conhecimento, expressar ou reagir diante de um fato determinado em um dado contexto. Com isso, o homem passou da linguagem falada para a linguagem escrita, e dessa para a linguagem digital⁵⁴, trazendo consigo mudanças culturais significativas que influenciaram o modo como nos comunicamos, pensamos, agimos e as reais necessidades de comunicação. Quem haveria de pensar, por exemplo, que as velhas histórias passadas pela tradição oral dos viajantes e dos nômades se converteriam hoje em registros virtuais. Ou quem haveria de prever que a humanidade passaria da Galáxia dos Falantes para a Galáxia de Gutemberg e dessa para a Galáxia das *Ciberpossibilidades*⁵⁵. Diante

⁵⁴Parte do assunto sobre as épocas de como a humanidade passou a se comunicar será abordada no capítulo 2.

⁵⁵ Conforme visto, há uma tendência em agregar o termo **ciber** ou **cyber** ao referir-se à era digital.

disso, diríamos que essas foram formas de apreensão e expressão dos saberes que possibilitaram à humanidade “avançar” no conhecimento, no pensamento, indo mais além das representações dos símbolos linguísticos e das formas simples de comunicação.

A linguagem, portanto, pode ser compreendida como algo maior que a representação mental do que vemos. Pode ainda ser entendida, numa visão sociologista, como forma de interação social e organização do pensamento (DELAGNELLO; RIZATTI, 2008). Se pensarmos que a linguagem humana se restringe somente ao caráter representativo do pensamento – principalmente em se tratando da linguagem verbal –, a reduziríamos a um “algoritmo de expressão” confinando-a em um mero sentido instrumental. A língua e a linguagem são mais do que acontecimento da comunicação. É poesia (VALVERDE, 2007), é movimento, é plasticidade, é ação do pensamento concretizado na comunicação. Se pensarmos tão somente da maneira naturalista, partindo da visão estruturalista, “seria apenas uma aparência, não podendo nos ensinar de verdadeiramente novo.” (VALVERDE, 2007, p. 28). Assim, entendo nesse trabalho que a concepção de linguagem enfoca naquilo que os usuários de uma língua fazem com essa (ou outra) mesma língua em sua convivência social e histórica, “o que deriva de uma visão sociologista, ancorada no uso da linguagem na interação com o outro”. (DELAGNELLO; RIZATTI, 2008, p. 25). Em suma, entendo que não basta decodificar o sistema alfabético da escrita, mas sim fazer o uso social da língua.

Dessa forma, corroboro com ideia de que comunicação e a linguagem são coisas complexas e que não se restringem a um só entendimento, entendemos também que ambas têm um importante significado para a Educação. Com as novas formas de comunicação e suas linguagens principalmente na cultura digital na qual estamos vivendo, é pertinente pensar como ambas têm transformado o modo como vemos o mundo, como nos movimentamos e agimos nele, como aprendemos e como ensinamos. E dentro desse cenário encontramos a manifestação da linguagem humana que permite entender e comunicar-se em terreno alheio: a língua estrangeira.

Na atual sociedade digital e globalizada, a emergência de poder entender, pertencer à cultura do outro, de pensar de igual modo como o outro, de movimentar-se em seu terreno, de expressar-se com o outro e de estar num sentido mais igualitário nas negociações comerciais e políticas entre os países têm transformado sobremaneira também o interesse pelas línguas estrangeiras, por seu aprendizado, em como adquiri-las e como ampliamos os recursos por meio dos quais podemos aprendê-las.

Para se exprimir em outra língua, contamos atualmente com diversos recursos – reais ou virtuais, antigos e novos, tradicionais e modernos, humanos e não humanos – que nos auxiliam no entendimento da cultura do outro e satisfazem as necessidades de comunicação. Os recursos de que falamos são aqui entendidos como um conjunto de pessoas, linguagens, atitudes, instrumentos e meios que ajudam ou facilitam um resultado. No caso da L.E temos como apoio para se alcançar o seu domínio o professor, a tecnologia e as pessoas interessadas em aprender, comunicar e interagir.

Sendo um dos atores desse cenário, o professor tem um papel importante na construção do conhecimento em língua estrangeira. É ele quem será o facilitador e fará a transposição dos conteúdos, uma vez que o indivíduo aprendiz não tem ainda o domínio dos mesmos, que lhe garanta adquiri-la em seu contexto sócio-histórico. Para ensinar, o professor conta com estratégias, recursos, métodos e metodologias que lhe nortearão nos conceitos, nos procedimentos e nas atitudes a que o aluno deve ser exposto. Mas não somente esses procedimentos didáticos bastam para haver ensino-aprendizagem. Como diz Freire, “ensinar não é transmitir conhecimentos e conteúdos, e é preciso haver uma formação recíproca entre discentes e docentes uma vez que essa relação é direta. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 2006, p. 35).

Assim, esse professor deve ser capaz de se organizar, escolher alternativas, métodos, técnicas, procedimentos adequados com o intuito de propiciar aos alunos a melhor aprendizagem. Ainda que existam

outros elementos que possam gerar aprendizado, como é caso das novas mídias e da rede, por exemplo, é preciso haver mediação docente, que possa estabelecer prioridades, traçar estratégias que dirigem toda ação educativa. (SANT'ANNA; MENEGOLLA, 2007, p. 32).

Mas será que professor e aluno sabem realmente por que ensinar e por que aprender? Como se ensina (e como se aprende) na era digital? Para essa última pergunta, certamente devemos levar em conta os recursos – humanos e tecnológicos – que nos auxiliam na prática educativa contemporânea e repensar nossos objetivos. Não mais estamos à mercê de uma linguagem e sim de múltiplas linguagens. Nossos alunos nascem, crescem e amadurecerão com distintas linguagens que o acesso à informação dá. Cada vez mais nos comunicamos com sujeitos de outras partes do planeta, isso é fato e a tendência é não mudar. Nesse viés, é importante que o ensino de língua estrangeira moderna desvele o ensino a partir desse contexto. Para isso, como nos dizem novamente os autores supracitados, “o melhor professor é aquele que, em cada situação particular, souber empregar a mais adequada técnica de ensino para comunicar-se fazendo com que o conteúdo possa ser entendido e assimilado sem distorções”⁵⁶.

⁵⁶ No presente trabalho, procuro ter certo cuidado ao falar sobre os recursos, os métodos e as abordagens que seriam os ditos “ideais” para aprender uma língua estrangeira, alcançar seu pleno domínio, ou que realmente sejam necessários à sua aquisição e/ou aprendizado. Isso porque certas crenças em torno da L.E podem gerar conflitos e podem não se considerar, tanto por parte do aprendiz quanto por parte do professor, as outras formas e habilidades de aprendizagem que o aprendiz pode desempenhar. Segundo Pagano (2000), por crenças “entende-se todo pressuposto a partir do qual o aprendiz constrói uma visão do que seja aprender e adquirir conhecimento [...]. Orientado por suas crenças, o aprendiz decide o que aprender, como, quando e em quanto tempo. Crenças que refletem adequadamente o processo de ensino/aprendizagem geralmente conduzem o aprendiz à escolha de recursos e formas apropriadas que, por sua vez, garantem o sucesso e o contínuo exercício de procedimentos acertados. Por outro lado, crenças errôneas ou pouco fundamentadas levam o aprendiz a optar por recursos e formas não apropriadas e culminam, geralmente, no insucesso e na insatisfação”. No caso da afirmação acima, entendo que os recursos dão a iniciativa para aprender uma L.E

Certamente, essa é uma tarefa desafiadora, pois ensinar exige riscos, uma vez que nem sempre as melhores técnicas são as mais adequadas e a cada dia o avanço tecnológico nos apresenta diferentes situações e técnicas. Algumas são consideradas enraizadas em paradigmas e não se adaptam aos reais valores culturais e existenciais dos discentes. É preciso, pois, como bem pontua Freire (2006), inovar e aceitar o novo mesmo correndo riscos para confrontar antigas e novas práticas.

Afinal, ao longo das trocas comunicacionais, fomos aperfeiçoando o modo como transmitimos uma mensagem ao destinatário e juntamente com as funções da linguagem criou-se outras necessidades supridas hoje em dia pelas tecnologias. As tecnologias fazem parte da mudança cultural e quanto mais tecnologias tivermos, maior será a necessidade de repensar educativamente os recursos comunicacionais envolvidos em nossa sociedade.

Diante disso indaga-se como se aprende uma língua estrangeira e com quais recursos e com quais estratégias se ensina na cibercultura. Muitas poderiam ser as respostas haja vista que ainda é um processo de construção, e estamos implementando, todavia, o alicerce, preparando a argamassa e selecionando os tijolos.

Portanto, o cenário aqui apresentado remete a esse novo comportamento cultural que tem como coadjuvante, se não como um dos atores principais, a tecnologia, mais especificamente a internet, na educação informal. Ao mesmo tempo, estou falando no processo de ensino e aprendizagem de uma disciplina, a língua estrangeira, que cada vez mais possibilita (juntamente com a tecnologia) o acesso à cultura do Outro, entendida aqui como uma cultura alheia a nossa. Possibilita estar em conjunto com outras língua(gens), com outras formas de apreensão e expressão do conhecimento. Com isso, estou falando na relação direta que a língua, as linguagens existentes e o modo como nos comunicamos na cibercultura tem com a ver com as abordagens e os recursos pedagógicos disponíveis que podem acontecer na internet. Isso quer dizer que nessa relação é preciso desenvolver competências e

habilidades para que o aluno consiga se comunicar eficazmente na língua-alvo utilizando o ciberespaço.

3.2 OS MEIOS DE ENSINO: RECURSOS E ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS

Novamente convém delimitar alguns conceitos que não sejam tão unânimes quanto à sua interpretação ou que sejam polissêmicos. Recurso e estratégia pedagógica, ainda que tenham aspectos semelhantes, podem ser vistos desde uma perspectiva mais aprofundada dependendo da situação que empregamos.

Quando nos referimos, por exemplo, à palavra *recurso*, uma tempestade de ideias pode surgir haja vista a quantidade de representações que essa palavra apresenta. Um recurso pode ser um meio, um ato, ou um objeto ou um instrumento que serve para alcançar/atingir um determinado fim/resultado. Por isso, um recurso pode ser uma pessoa, um aparato, um material ou um serviço que sejam necessários para completar algo ou alguma coisa. Teoricamente, essa definição é encontrada em dicionários, enciclopédias, livros sobre didática e traz um sentido único de que seja um meio que possa levar a atingir um resultado.

Por conta disso, é comum associar *meio* com *recurso* e este, por sua vez, ser associado com material didático. Para alguns contextos, meio, recurso e material são sinônimos ainda que um ou outro possa abranger várias ideias. É o caso da palavra **meio**, por exemplo. Conforme exponho mais adiante, um meio pode ser uma mídia (meio tecnológico, meio audiovisual, meio de comunicação) ou um meio didático.

Para Sant'anna e Menegolla (2007), não há um denominador comum entre os educadores, quanto à definição de 'meio', posto que

“está o entendimento condicionado ao uso do mesmo, em geral, para referir-se a quaisquer recurso de ensino”. (p. 47). Complementam que num plano de unidade, por exemplo, tal conceito pode englobar situações de experiências, recursos (materiais humanos e físicos) ou técnicas. Por isso, os autores tomam tal conceito como “referencial teórico indicador de recursos, atividades, técnicas, procedimentos e inclusive instrumentos de avaliação utilizados num plano de ensino” (p. 47).

Robert Gagné (*apud* Sant'anna e Menegolla, 2007, p. 47) diz que “a expressão recursos e meios para o ensino refere-se aos vários tipos de componentes do ambiente da aprendizagem que dão origem à estimulação do aluno”. Nesse sentido, o enfoque está no professor, objetos ou artifícios que têm como função fornecer os comportamentos de entradas (os *inputs*) ao aprendente. (SANT'ANNA e MENEGOLLA, 2007, p. 47)

María Esther Uría Rodríguez (2001) dedica boa parte dessa discussão em seu livro e nos indaga a que nos referimos quando falamos de meios ou recursos de ensino. Para ela, também não há acordo pleno entre os autores da área que acabam por colocar diferentes matizes para a palavra, vinculando-a com outras expressões como: material didático, meio didático ou técnica diversa (p. 105). Complementa ainda, citando Flor (1991, p. 21-22), que por recurso didático se entende todos os meios que têm relação com uma situação de ensino-aprendizagem,

[...]Así la organización del espacio y del tiempo, las relaciones de poder se establecen en el aula, los materiales que se ponen en el alcance de los alumnos y el uso que se permite o potencia, son algunos de los recursos a los que referimos. (FLOR, 1991 *apud* URÍA RODRÍGUEZ, 2001, p.105)⁵⁷

⁵⁷ Tradução minha: Assim, a organização do espaço e do tempo, as relações de poder que se estabelecem em aula, os materiais que são disponibilizados e o uso que se permite ou potencializa podem ser entendidos como recursos.

Uría Rodríguez (2001) traz diversos autores que tentam explicar o que vem a ser recurso didático. Entre eles, ela aponta para a explicação de Sevillano (1990), que a seu ver dá um sentido mais completo ao conceito argumentando:

[...] los medios denotan recursos y materiales que sirven para instrumentar el desarrollo curricular y con los que se realizan procesos interactivos entre el profesor, los alumnos y los contenidos en la práctica de la enseñanza [...] El papel de los medios en los procesos instructivos no es el de meros recursos o soportes auxiliares, ocasionales, sino elementos configuradores de una nueva relación profesor-alumno, aula, medio ambiente, contenido, objetivos, etc., incidiendo en los procesos cognitivos y actitudinales de los alumnos y transformando incluso los roles institucionales docentes. (*apud* URÍA RODRÍGUEZ, 2001, p. 106)⁵⁸.

Uría Rodríguez (2001) chama a atenção para o que Sevillano considera como elemento diferencial que forma parte do desenvolvimento curricular, ou seja, os meios. Nessa perspectiva, o pensamento direciona para a identificação de meios com recursos e materiais. Veem um sentido mais amplo para a palavra meio, pois inclui os recursos e materiais dentro de seu âmbito. Isso quer dizer que o meio é entendido como algo mais amplo enquanto que o recurso é identificado como mero apoio. Ou seja, o recurso, é visto como elemento facilitador no processo de ensino-aprendizagem, apoiando

⁵⁸ Tradução minha: "Os meios denotam recursos e materiais que servem para instrumentar o desenvolvimento curricular e com o quais se realizam processos interativos entre o professor, os alunos e os conteúdos na prática de ensino [...] O papel dos meios nos processos instrutivos no é o de meros recursos e suportes auxiliares, ocasionais, mas sim elementos configuradores de uma nova relação professor-aluno, aula, meio ambiente, conteúdo, objetivos, etc., incidindo nos processos cognitivos e atitudinais dos alunos e transformando inclusive os papéis institucionais docentes"

estratégias, desenvolvendo habilidades cognitivas, apoiando o professor. (2001, p. 106).

Uría Rodríguez assinala que Blázquez (1994, p. 508) propõe a seguinte classificação para o termo recurso:

- *Recursos experienciais diretos*: são os **objetos** reais que se incluem em qualquer momento do ato didático, dentro ou fora da aula. Servem de experiência direta ao aluno, como plantas, animais, utensílio de uso doméstico, instalações urbanas, agrícolas, fabris, de serviço, etc. e quando os objetos se aproximam da realidade do aluno;
- *Recursos estruturais o próprios do âmbito escolar*: são os que formam parte das instalações próprias do centro, cujo único e prioritário destino é colaborar nos processos de ensino. Eles podem ser: laboratórios, biblioteca, midiateca, hemeroteca, ginásio, museu de ciências naturais, laboratório de idiomas;
- *Recursos simbólicos*: são os que mesmo não sendo objetos reais podem aproximar a realidade ao estudante através de símbolos ou imagens. Podem ser textos, livros, mapas, maquetes, meios audiovisuais em geral, globos terráqueos, hipermídia, informática e robótica;

Ademais de trazer à reflexão diferenças e semelhanças entre recurso e meio, a autora propõe que ambos sejam pensados diferentemente de ‘material didático’ já que este não tem um sentido muito amplo. Ele pode ser usado mais vezes e representa algo material, auxiliar ou não, ainda que esteja no plano virtual. O quadro-negro, o computador, o material de laboratório, o DVD, o *software*, as fichas do professor, o diário de aula, o livro didático compõem o que entendemos por material didático. (URÍA RODRÍGUEZ, 2001). Santos (1991) afirma:

Llamamos materiales didácticos a las diferentes herramientas o utensilios que utilizan los profesores y los alumnos en el proceso de enseñanza/aprendizaje. Unos tienen un carácter globalizador, articulante y orientativo de todo el proceso (materiales curriculares, libros de texto, por ejemplo) y

otros son elementos vicarios de carácter auxiliar (ordenadores, material de laboratorio, retroproyectors, diapositivas, etc.⁵⁹ .

Como forma de sintetizar e ser mais didática, Uría Rodríguez esquematiza assim o que propõe: Meio □ Recurso □ Materiais. Dessa forma, hierarquiza o grau de importância entre eles. E para simplificar propõe aludir meios e recursos indistintamente como termos identificáveis,

[...] ya que se entiende por recurso cualquier medio facilitador del aprendizaje del alumnado a la vez que capaz de potenciar el perfeccionamiento profesional del profesorado. Consideramos materiales como un aspecto de los medios y recursos: medio y recursos → materiales. Ahora nos centraremos en los materiales didácticos, entendiendo que cuando se utilicen las expresiones ‘recursos’ o ‘medios’ para denominarlos no es que los estemos identificando con estos conceptos más amplios, sino que consideramos los materiales como uno de los variados medios o recursos didácticos que tenemos en el panorama curricular”⁶⁰. (URÍA RODRIGUEZ, 2001, p. 106)

⁵⁹ Tradução minha: “Chamamos materiais didáticos as diferentes ferramentas ou utensílios que os professores e alunos utilizam no processo de ensino-aprendizagem. Alguns têm um caráter globalizador, articulante e orientativo de todo o processo (materiais curriculares, livros de texto, por exemplo) e som elementos vicários de caráter auxiliar (computadores, materiais de laboratório, retroprojetores, dispositivo, etc.)

⁶⁰ Tradução minha: “Já que se entende por recurso qualquer meio facilitador de aprendizagem do alunado ao mesmo tempo em que é capaz de potencializar o aperfeiçoamento profissional do docente. Consideramos materiais como um aspecto dos meios e recursos: meios e recursos → materiais. Agora nos centraremos nos materiais didáticos, entendo que quando se utilizem as expressões ‘recurso’ ou ‘meios’ para denominá-los não é que os estejamos identificando

Libâneo (1994) não faz distinção nas formas de chamar os meios de ensino que para ele designa “todos os meios e recursos materiais utilizados pelo professor e pelos alunos para a organização e condução metódica do processo de ensino e aprendizagem”. (p. 173)

Ainda nas palavras de Libâneo:

Equipamentos são meios de ensino gerais, necessários para todas as matérias, cuja relação com o ensino é indireta. São carteiras ou mesas, quadro-negro, projetor de slides ou filmes, toca-discos, gravador e toca-fitas, flanelógrafo etc. Cada disciplina exige também seu material específico, como ilustrações e gravuras, filmes, mapas e globo terrestre, discos e fitas, livros, enciclopédias, dicionários, revistas, álbum seriado, cartazes, gráficos etc. Alguns autores classificam ainda, como meios de ensino, manuais e livros didáticos; rádio, cinema, televisão; recursos naturais (objetos e fenômenos da natureza); recursos da localidade (biblioteca, Museu, indústria etc.); excursões escolares; modelos de objetos e situações (amostras, aquários, dramatizações etc.). Os professores precisam dominar, com segurança, esses meios auxiliares de ensino, conhecendo-os e aprendendo a utilizá-los. (LIBÂNEO, 1994, p. 173)

Notamos em suas palavras que não há distinção conceitual entre meio, recurso e material didático que, nesse sentido, funcionam como auxiliares de ensino. Chamamos a atenção para a última questão apontada por Libâneo, sobre o professor dominar esses meios⁶¹. A

com estes conceitos mais amplos, mas que consideramos os materiais como um dos variados meios ou recursos didático que temos no panorama curricular.”

⁶¹ Quando há domínio na produção, manipulação, veiculação dos meios chamamos de competência midiática.

realidade da escola mostra muitas vezes, essa falta de domínio do professor frente a situações rotineiras que envolvam as novas tecnologias. Dou como exemplo a utilização inadequada das salas informatizadas nas escolas e o gênero filme que às vezes funciona como “tapa buraco” da grade escolar, principalmente na falta de algum professor, ou quando chove e a maioria dos alunos não vão para a escola. Pode ser a falta de domínio do professor ao não incluir esses elementos no planejamento além dos espaços da escola, limitando-se a ter somente alguns recursos como referência (livros, livro-texto, revistas, *performances* orais etc.) em prol de outras possibilidades como o uso pedagógico desses meios. Trago a reflexão aqui, o novo desafio que os novos recursos, as novas mídias, os novos materiais que auxiliam o ensino produzem em nossa sociedade.

E o que seria estratégia de uso dos meios? Refiro-me, primeiramente, ao controverso termo *estratégia*. Estratégia sempre foi vinculada ao seu primeiro significado militar⁶² e mais tarde ao mundo dos negócios. No âmbito educacional ela é amplamente usada, mas podemos dizer que têm matizes semânticas aproximadas a outras áreas. Segundo Menegolla e Santanna (1989, p. 48) “envolve tipos de atividades pelas quais o aluno se vê realizar certas operações mentais”.

Podemos entender estratégia como um processo, um conjunto, “uma sequência de pensamentos possíveis de ser repetida que leva a ações que consistentemente produzem um resultado específico”. (Wikipedia)

Como observado, por estratégia se entende a arte de combinar passos cognitivos e comportamentais que são usados para lograr um fim.

⁶² Etimologicamente, a palavra vem do grego “Strègos” (de stratos, “exército”) + “ago (de liderança ou comando) significando inicialmente como “A arte do general”. A palavra foi se modificando ao longo do tempo, chegando a “Stratiá”, “stratègion”). Fonte: Wikipedia. Hoje, encontramos o termo *estratégia* em vários seguimentos, quase que consensual ainda que se adéque às especificidades das áreas. O milenar livro “A arte da guerra” de Sun Tzu é um bom exemplo de as estratégias, ainda que conceitualmente sejam militares, serem aplicadas a distintas áreas do conhecimento tal dada importância que se tomou. Hoje, é comum vermos o ensinamento desse livro voltado para públicos específicos nomeando-se como a arte da guerra para crianças, para mulheres etc.

“Diseña planes de acción efectivos para alcanzar las metas. El arte de coordinar las acciones y de maniobrar para alcanzar un objetivo⁶³”. (Miriam Nieto Vicio). E Ornelas (2001) complementa comparando ao primeiro sentido dado à palavra: “una acción estratégica consiste en proyectar, ordenar y dirigir las operaciones militares de tal manera que se consiga el objetivo propuesto⁶⁴” (p.2).

Embora considere aqui neste trabalho a estratégia sob um viés voltado para o ensino, é importante ressaltar o que se entende por estratégias voltadas para a aprendizagem a fim de entender um pouco mais as estratégias na educação. Por estratégia de aprendizagem, segundo Ornelas (2001), pode-se entender:

como un conjunto interrelacionado de funciones y recursos, capaces de generar esquemas de acción que hacen posible que el alumno se enfrente de una manera más eficaz a situaciones generales y específicas de su aprendizaje; que le permiten incorporar y organizar selectivamente la nueva información para solucionar problemas de diverso orden. El alumno, al dominar estas estrategias, organiza y dirige su propio aprendizaje⁶⁵. (p. 3)

Ainda com relação à estratégia de aprendizagem, Fortkamp (2002, p.164) afirma que:

há uma idéia comum [...] a idéia de que estratégia de aprendizagem se refere a uma

⁶³ Tradução minha: “Desenha planos de ação efetivos para alcançar as metas. A arte de coordenar as ações e de manobrar para alcançar um objetivo.”

⁶⁴ Tradução minha: “uma ação estratégica consiste em projetar, ordenar e dirigir as operações militares de tal maneira que se consiga o objetivo proposto.”

⁶⁵ Tradução minha: “Como um conjunto inter-relacionado de funções e recursos, capazes de gerar esquemas de ação que fazem possível que o aluno se enfrente de uma maneira mais eficaz a situações gerais e específicas de sua aprendizagem; que lhe permite incorporar problemas de diversa ordem. O aluno, ao dominar estas estratégias, organiza e dirige sua própria aprendizagem”.

ação, por parte do aprendiz, no sentido de escolher/selecionar maneiras de interferir em sua própria aprendizagem. Tal escolha se dá com base em uma reflexão, por parte do aluno, sobre o que está aprendendo, a tarefa que tem a sua frente e as possibilidades de escolhas que tem.

Para que o aluno possa efetivar essas escolhas, é preciso saber como e de que forma se faz a estratégia. As formas para implementar as estratégias e a maneira como serão executadas são chamadas de táticas, que por sua vez, também são denominadas de técnicas.

Evelise Portilho (2009) chama a atenção para a confusão entre estratégia e técnica, pois são conceitos encontrados com definições bem próximas. Tomando as palavras do dicionário *Houaiss* (2002), Portilho distingue que por estratégia “concebe-se como sendo um conjunto de regras que asseguram uma decisão adequada em cada momento” e por técnica “refere-se ao conjunto de processos de uma arte, ou ainda, à maneira, ao jeito ou à habilidade especial de executar ou fazer algo”. (p. 82). Num primeiro plano, realmente é confuso distinguir conceitos que se relacionam e que às vezes dependem uns dos outros. Para enriquecer o debate, Portilho traz à reflexão as explicações de Juan Ignacio Pozo (2000 *apud* PORTILHO, 2009) que define:

técnica como sendo procedimentos que se aplicam de modo controlado, não planejado e rotineiro. Por outro lado, as estratégias requerem planificação e controle de execução, como ocorre quando o sujeito aprende. Ele deve compreender o que e o porquê está fazendo tal atividade. Em outras palavras, as técnicas são o conjunto de ações que se realizam para obter um objetivo de aprendizagem, dentro de um projeto planejado deliberadamente, com o fim de conseguir uma meta fixa. Sendo assim podemos entender que uma estratégia comporta uma ou mais

técnicas. (POZO, 2000, p. 298 *apud* PORTILHO, 2009, p. 82-83.)

Existem vários tipos de estratégias de aprendizagem, listadas por autores, alguns deles já vistos nesse capítulo. A maioria concorda que as estratégias estão ligadas ao processo cognitivo, interiorizado, que pode conter múltiplos procedimentos, um processo consciente que o sujeito desenvolve. À medida que esse sujeito necessita, as estratégias se tornam cada vez mais específicas conforme a tarefa que está fazendo. (PORTILHO, 2009). Usando a metáfora do jogo, a autora afirma “que o uso de uma estratégia requer que o aprendiz seja jogador antes de ser treinador, deve aplicar e praticar uma técnica para refletir sobre e adquirir um controle crescente sobre seu uso”. (PORTILHO, 2009, p. 84)

De fato, ao desenvolvermos determinadas estratégias de aprendizagem seguimos alguns passos que vão gerenciar a aprendizagem. Se tomarmos consciência sobre eles, seremos capazes de planejar, regular e avaliar nossas ações. Cada pessoa tem uma forma de aprender, ainda que os professores tenham possíveis formas de ensinar. Por essa questão que na pedagogia atual se faz críticas aos processos de ensino que unificam, estereotipam, tratam por igual todos os estudantes sem ao menos reconhecer que cada um tem seu tempo, seu espaço e suas estratégias para aprender. Uns podem ter uma visão mais ampla do seu entorno, outros serão mais detalhados, uns desenvolvem ambas as visões. Em suma, aprender a aprender é um processo que exige a consciência dos passos que servirão para se atingir a meta.

Citando Carrasco (2004), Portilho (2009) sintetiza os passos que devemos tomar ao aprender a aprender. Entre eles, o ambiente, os objetivos, o conteúdo selecionado, a compreensão e o armazenamento da informação, a seleção das informações, o agir e o pensar de maneira crítica, participativa e criativa são alguns dos exemplos de aprender a aprender. Práticas repetitivas e incompreensíveis falham os processos de aprendizagem inibindo ou até bloqueando as informações recebidas por quem aprende.

Em se tratando de estratégias de aprendizagem, Carrasco (2004 *apud* PORTILHO, 2009) propõe uma classificação de estratégia:

- de apoio: refere-se a condições físicas e psicológicas na hora de aprender;
- de atenção: refere-se à aquisição e à seleção da informação,

- de processamento da informação: referem-se à elaboração e à organização da informação;
- de memorização: referem-se aos recursos adotados que favorecem o rendimento e armazenamento da informação;
- de personalização: referem-se aos esquemas cognitivos de cada um, às formas específicas de aprender;
- de aproveitamento de aulas: referem-se às atitudes que professores e alunos fazem para aproveitar bem a aula que vão desde atitudes particulares a realização de atividades pontuais;
- de expressão da informação: referem-se a como devemos nos preparar para as situações formais de aprendizagem (avaliação, trabalhos acadêmicos, etc.);

Tanto as maneiras de propor quanto as maneiras que o aluno aprende estão relacionadas com o estilo de aprendizagem, “em outras palavras, são maneiras diferentes de utilizar a inteligência”. (idem, p. 96) e que cada sujeito tem, a partir de suas experiências. Essas maneiras diferentes contam com uma série de habilidade de níveis diferentes, onde “os vários fatores e situações (internas e externas ao sujeito) promovem um determinado nível ou grau de desenvolvimento que se manifesta em diferentes estilos de aprendizagem”. (idem, p. 97). Algumas pessoas apresentam um estilo mais imaginativo, outras partem de um plano mais concreto, outras se mostram mais ativas, outras mais práticas enquanto outras utilizam o raciocínio indutivo para assimilar o conhecimento. Esses estilos podem se sobressair uns aos outros, mas não restritos a aparecer isoladamente. Ao longo da vida as pessoas podem ter vários estilos, mas sempre um predomina.

As estratégias comumente usadas em língua estrangeira ainda são discutidas pelos didatas e linguistas aplicados principalmente quando se enfoca mais para o âmbito cognitivo. Rebecca Oxford (1990) que iniciou a discussão em seu livro *Language Learning Strategies: what every teacher should know* afirma:

Estratégias de aprendizagem de línguas não estão restritas às funções cognitivas [...]. As estratégias também incluem funções comunicativas como planejamento, avaliação e organização da própria aprendizagem; e funções emocionais (afetivas), sociais, assim como outras funções. Infelizmente,

muitos especialistas não prestaram atenção suficiente às estratégias sociais e afetivas no passado. [...] É provável que a ênfase venha a se tornar mais equilibrada, porque a aprendizagem de línguas é, indubitavelmente, um processo emocional e interpessoal, assim como eventos cognitivos e metacognitivos. (OXFORD, 1990, p. 11)

Em suma, as estratégias de aprendizagem são os passos, as ações que fazemos para melhorar a aprendizagem e tornar possível o ato educativo. Entendê-las é um passo importante para seguir com estratégias de ensino que possam ser eficazes para o contexto no qual está inserido o blog.

Nesse sentido, para algumas vertentes, o uso do computador ou de qualquer outro meio indifere senão tiver relacionados com estratégias pedagógicas eficazes. Orofino (2005), ao propor uma crítica à aplicação instrumental das tecnologias em prol da utilização dos “novos meios para ressignificar a realidade e a experiência social vivida (e também tantas vezes sofrida) nas comunidades e na própria escola” (p. 29), argumenta que é preciso “exercitar estratégias e práticas de mobilização das crianças e adolescentes para uma maior participação nos debates sobre mídia e sociedade”. (p.29). Retomando suas palavras:

é cada vez mais necessário ampliarmos as *mediações escolares* por meio de novos enfoques pedagógicos que visem um *consumo cultural crítico* e que possibilitem a *criação de estratégias de uso* destes meios para fins de construção da cidadania ativa, participativa, atuante no contexto da comunidade na qual a escola se insere. (OROFINO, p. 34, ênfase da autora)

As estratégias pedagógicas devem estar relacionadas com o material a ser usado e com o meio em que estamos. Um material que não atende esses requisitos não ajuda a construir a aprendizagem significativa. Isto significa dizer que não veremos sentido naquilo que nos é apresentado já que é algo diferente do que sabemos e nenhuma informação nova é agregada. Nesse caso, o papel do professor é importante, pois ele mediará e dará subsídios para que a aprendizagem aconteça. Proporá maneiras diferenciadas para cada estilo de aprendizagem do aluno ao mesmo tempo em que valorizará as suas potencialidades. (PORTILHO, 2009)

Resumo o recurso pedagógico como um meio que tem uma relação instrumental com uma situação de ensino-aprendizagem e que pode ser:

- Objetos reais que se incluem em qualquer momento do ato didático (BLÁZQUEZ, 1994);
- Instalações estruturais da escola (mideoteca, laboratórios, etc.). (BLÁZQUEZ, 1994);
- Recursos simbólicos em texto, imagem e som. (BLÁZQUEZ, 1994);
- Meios ou mídia, artefato midiático e tecnológico;
- Materiais que servem para instrumentalizar o desenvolvimento curricular. (SEVILLANO, 1990 apud RODRIGUEZ, 2001);
- Os meios informáticos servem para orientar a aprendizagem selecionando o mais oportuno para cada caso (RODRÍGUEZ, 2001);
- Equipamentos cuja relação com o ensino é indireta. Móveis, aparelhos eletrônicos, manuais, livros didáticos, recursos da natureza, recursos da localidade, amostras são meios auxiliares de ensino. (LIBÂNEO, 1994);
- Ferramenta pedagógica, apoio à atividade didática ou gênero a ser trabalhado em sala de aula e fora dela;
- Espaços para a exploração de atividades que o envolvam e que o transformem em acesso para realizar essas atividades e nela deixar para consultas futuras.

Por estratégia pedagógica, sistematizo alguns conceitos estudados até então:

- “envolve tipos de atividades pelas quais o aluno se vê realizar certas operações mentais”. (SANT’ANNA e MENEGOLLA, 1989, p. 48);

- aprender a aprender é um processo que exige a consciência dos passos que servirão para se atingir a meta;
- Combina passos cognitivos e comportamentais que são usados para lograr um fim;
- Coordena ações efetivas para alcançar um objetivo;
- “Conjunto interrelacionado de funciones y recursos, capaces de generar esquemas de acción que hacen posible que el alumno se enfrente de una manera más eficaz a situaciones generales y específicas de su aprendizaje; que le permiten incorporar y organizar selectivamente la nueva información para solucionar problemas de diverso orden. El alumno, al dominar estas estrategias, organiza y dirige su propio aprendizaje”. (ORNELAS, 2001, p. 3);
- Concebe-se como sendo um conjunto de regras que asseguram uma decisão adequada em cada momento. (PORTILHO, 2009, p. 82);
- as estratégias estão ligadas ao processo cognitivo, interiorizado, que pode conter múltiplos procedimentos, um processo consciente que o sujeito desenvolve. (PORTILHO, 2009);
- atitudes de aproveitamento de professores e alunos;
- “As estratégias também incluem funções comunicativas como planejamento, avaliação e organização da própria aprendizagem; e funções emocionais (afetivas), sociais, assim como outras funções”.

Assim, retomando o objeto de estudo, pode-se caracterizar o edublog de E.L.E como sendo aquele recurso pedagógico que se apresenta como um meio, um material e um espaço para as ações educativas bem como um recurso que por ele mesmo traz as propriedades para as estratégias pedagógicas, tanto de aprendizagem quanto de ensino.

Dessa forma, a partir do estudo sobre edublog e sobre meios de ensino, proponho que, ao se analisar como um edublog de E.L.E é caracterizado, este precisa contar com aspectos e elementos pedagógicos comumente presentes em uma aula de E.L.E. Dentre as categorias pedagógicas em um edublog elenco as seguintes:

- Objetivos da aprendizagem, onde se verifica se há preocupação com

aprendizagem a partir das propostas e metodologias;

- Os conteúdos apresentados se são com fins de ensino e aprendizagem;
- As estratégias de ensino que são propostas nos edublogs;
- As atividades de ensino que são apresentadas;
- Os instrumentos e formas de avaliação que são considerados.

Para demonstrar essa análise, apresento a metodologia desse trabalho no próximo item.